



ANO 9 - NÚMERO 120 - OUTUBRO 2024



xapuri

SOCIOAMBIENTAL

Distribuição: 15 out a 14 nov/24

Foto: Professor Pingo

PROJETO SERINGUEIRO: UM EXPERIMENTO DE EDUCAÇÃO LIBERTADORA NAS FLORESTAS DO ACRE

p. 08

DEMOCRACIA

A Constituição Cidadã completa 36 anos

p. 16

CERRADO

A missão de quem acorda cedo é despertar toda a aldeia

p. 30

RESISTÊNCIA INDÍGENA

A vida é dança, e é uma dança cósmica

p. 45

**O sorriso de
uma criança faz
o futuro brilhar!**

**Mês das
Crianças**

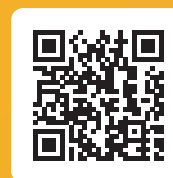


JUNTOS
A GENTE FAZ
O FUTURO BRILHAR



Pés descalços, risadas soltas e um mundo de aventuras se constrói com solidariedade. **Doe para os projetos assistidos pela Fenae e Apcefs, em parceria com a Moradia e Cidadania, e ajude mais de 4 mil crianças e adolescentes espalhados pelo Brasil!**

Aponte a câmera do seu celular para o QR Code e conheça nossas iniciativas.



FENAE

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES
DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

Uma revista pra chamar de nossa

Era novembro de 2014. Primeiro fim de semana. Plena campanha da Dilma. Fim de tarde na RPPN dele, a Linda Serra dos Topázios. Jaime e eu começamos a conversar sobre a falta que fazia termos acesso a um veículo independente e democrático de informação.

Resolvemos fundar o nosso. Um espaço não comercial, de resistência. Mais um trabalho de militância, voluntário, por suposto. Jaime propôs um jornal; eu, uma revista. O nome eu escolhi (ele queria Bacurau). Dividimos as tarefas. A capa ficou com ele, a linha editorial também.

Correr atrás da grana ficou por minha conta. A paleta de cores, depois de larga prosa, Jaime fechou questão – “nossas cores vão ser o vermelho e o amarelo, porque revista tem que ter cor de luta, cor vibrante” (eu queria verde-floresta). Na paz, acabei enfiando um branco.

Fizemos a primeira edição da *Xapuri* lá mesmo, na Reserva, em uma noite. Optamos por centrar na pauta socioambiental. Nossa primeira capa foi sobre os povos indígenas isolados do Acre: *Isolados, Bravos, Livres: Um Brasil Indígena por Conhecer*. Depois de tudo pronto, Jaime inventou de fazer uma outra boneca, “porque toda revista tem que ter número zero”.

Dessa vez finquei pé, ficamos com a capa indígena. Voltei pra Brasília com a boneca praticamente pronta e com a missão de dar um jeito de imprimir. Nos dias seguintes, o Jaime veio pra Formosa, pra convencer minha irmã Lúcia a revisar a revista, “de grátis”. Com a primeira revista impressa, a próxima tarefa foi montar o Conselho Editorial.

Jaime fez questão de visitar, explicar o projeto e convidar pessoalmente cada conselheiro e cada conselheira (até a doença agravar, nos seus últimos meses de vida, nunca abriu mão dessa tarefa). Daqui rumamos pra Goiânia, para convidar o arqueólogo Altair Sales Barbosa, nosso primeiro conselheiro. “O mais sabido de nós”, segundo o Jaime.

Trilhamos uma linda jornada. Em 80 meses, Jaime fez questão de decidir, mensalmente, o tema da capa e, quase sempre, escrever ele mesmo. Às vezes, ligava pra falar da ótima ideia que teve, às vezes sumia e, no dia certo, lá vinha o texto pronto, impecável.

Na sexta-feira, 9 de julho, quando preparávamos a *Xapuri* 81, pela primeira vez em sete anos, ele me pediu para cuidar de tudo. Foi uma conversa triste, ele estava agoniado com os rumos da doença e com a tragédia que o Brasil enfrentava. Não falamos em morte, mas eu sabia que era o fim.

Hoje, cá estamos nós, sem as capas do Jaime, sem as pautas do Jaime, sem o linguajar do Jaime, sem o jaimês da *Xapuri*, mas na labuta, firmes na resistência. Mês sim, mês sim de novo, como você sonhava, Jaiminho, carcamos porva e, enfim, chegamos à nossa edição número 100. E, depois da *Xapuri* 100, como era desejo seu, a gente segue esperneando.

Fica tranquilo, camarada, que por aqui tá tudo direitim.



Arthur Wentz Silva
Estagiário



Emir Bocchino
Diagramador



Igor Strochit
Diagramador



Janaina Faustino
Gerente Executiva



Lúcia Resende
Revisora



Maria Leticia Marques
Redatora

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: *Xapuri* Socioambiental - Comunicação de Resistência Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.814.-500 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: Edição Impressa - 1.000 - 5.000. Envio Eletrônico - 100.000. Circulação: Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

PROJETO SERINGUEIRO: um experimento de educação libertadora nas florestas do Acre

Em 19 de setembro, celebramos o 103º aniversário de nascimento do Paulo Freire, o patrono da Educação brasileira.

Para esta edição 120, nossa conselheira Rosilene Corrêa sugeriu que homenageássemos o grande Paulo Freire.

Pensamos, então, em “Educação Como Prática da Liberdade”, como título para nossa matéria de capa. Seria uma linda matéria!

No meio do caminho, por intermediação do Gomercindo Rodrigues, também nosso conselheiro, recebemos um belo texto sobre o Projeto Seringueiro, um experimento de educação libertadora ocorrido nas florestas de Xapuri, no Acre, nos anos 1980.

Escrita por Manoel Estébio, hoje professor universitário e à época educador popular do Projeto Seringueiro, a matéria nos leva a uma imersão profunda na história do projeto que construiu a primeira escola da floresta, na Colocação Já com Fome, no Seringal Nazaré, para alfabetizar seringueiros/as e livrar os povos da floresta da opressão.

É pra ler, se emocionar, e ler de novo. Viva Paulo Freire!



Zezé Weiss – Jornalista
Editora da *Revista Xapuri*

Jaime Sautchuk – Editor (*in memoriam*)

COLABORADORES/AS - OUTUBRO

Ailton Krenak – Escritor. **Altair Sales Barbosa** – Arqueólogo. **Antenor Pinheiro** – Geógrafo. **Arthur Wentz e Silva** – Estudante. **Bia de Lima** – Parlamentar. **Clarice Lispector** – Escritora (*in memoriam*). **Eduardo Galeano** – Escritor (*in memoriam*). **Eduardo Pereira** – Sociólogo. **Emir Bocchino** – Designer. **Emir Sader** – Sociólogo. **Hugo Meireles Heringer** – Indigenista. **Iêda Leal** – Gestora Pública. **Igor Strochit** – Designer. **Janaina Faustino** – Gestora Ambiental. **José Bessa Freire** – Escritor. **José Gil Barbosa Terceiro** – Folclorista. **Leonardo Boff** – Ecoteólogo. **Lúcia Resende** – Professora. **Luiz Roseno** – Jornalista. **Manoel Estébio Cavalcante da Cunha** – Professor. **Maria Leticia Marques** – Ambientalista. **Paulo Freire** – Filósofo e Educador (*in memoriam*). **Rosilene Corrêa** – Professora. **Thiago de Mello** – Poeta (*in memoriam*). **Zezé Weiss** – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

Adair Rocha - Professor Universitário. **Adrielle Saldanha** - Geógrafa. **Ailton Krenak** - Escritor. **Altair Sales Barbosa** - Arqueólogo. **Ana Paula Sabino** - Jornalista. **Andrea Matos** - Sindicalista. **Angela Mendes** - Ambientalista. **Antenor Pinheiro** - Jornalista. **Binho Marques** - Professor. **Cleiton Silva** - Sindicalista. **Dulce Maria Pereira** - Professora. **Edel Moraes** - Ambientalista. **Eduardo Meirelles** - Jornalista. **Elson Martins** - Jornalista. **Emir Bocchino** - Arte finalista e Diagramador. **Emir Sader** - Sociólogo. **Gomercindo Rodrigues** - Advogado. **Graça Fleury** - Socióloga. **Hamilton Pereira da Silva (Pedro Tierra)** - Poeta. **Iêda Leal** - Educadora. **Jacy Afonso** - Sindicalista. **Jair Pedro Ferreira** - Sindicalista. **José Ribamar Bessa Freire** - Escritor. **Júlia Feitoza Dias** - Historiadora. **Kretã Kaingang** - Líder Indígena. **Laurenice Noleto Alves (Nonô)** - Jornalista. **Lucélia Santos** - Atriz. **Lúcia Resende** - Revisora. **Marcos Jorge Dias** - Escritor. **Maria Félix Fontele** - Jornalista. **Maria Maia** - Cineasta. **Rosilene Corrêa Lima** - Jornalista. **Traiano Jardim** - Jornalista. **Zezé Weiss** - Jornalista.



IN MEMORIAM:

Jaime Sautchuk - Jornalista. **Iêda Vilas-Bôas** - Escritora.
Samuel Pinheiro Guimarães Neto - Diplomata.



CONSELHO GESTOR

Agamenon Torres Viana - Sindicalista. **Eduardo Pereira** - Produtor Cultural. **Iolanda Rocha** - Professora. **Janaina Faustino** - Gestora Ambiental. **Joseph Weiss** - Eng. Agro. PhD.



Xapuri 120

SOCIOAMBIENTAL

OUT 24

08 CAPA
Projeto Seringueiro: um experimento de educação libertadora nas florestas do Acre

18 CONJUNTURA
O maior enigma do Brasil

15 BIODIVERSIDADE
O Gavião

20 CONSCIÊNCIA NEGRA
Ministra Macaé

16 DEMOCRACIA
A Constituição Cidadã completa 36 anos

21 FOTOGEOGRAFIA
Escola 9037

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: “Rio antes”, ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

23 COMPORTAMENTO
Novidade para olhos cansados

23 HOMENAGEM
Por que não mudar o mundo?

24 EDUCAÇÃO
Novo Plano Nacional de Educação

25 FORMOSA
O Visconde que passou por Formosa

30 CERRADO
A missão de quem acorda mais cedo é despertar toda a aldeia

33 ELEIÇÕES
Quilombolas elegem prefeitos e prefeitas em 17 municípios brasileiros

34 CULTURA
No mundo em frangalhos, a leitura

36 ELEIÇÕES
Brasil elegeu 231 pessoas LGBTQIAPN+ para os legislativos municipais

37 MITOS E LENDAS
A Botija da Ingazeira

40 ELEIÇÕES
MST elege 133 lideranças para as prefeituras e câmaras municipais em 19 estados brasileiros

41 MEMÓRIA
20 anos sem Apoena

43 SAÚDE
22 de Outubro:
Dia da Medicina Natural

44 ELEIÇÕES
Brasil elege seis prefeitos e uma única prefeita indígena

45 RESISTÊNCIA INDÍGENA
A vida é dança,
e é uma dança cósmica

46 SUSTENTABILIDADE
Um mundo que perdeu o coração

48 UNIVERSO FEMININO
Mulheres eleitas em 2024: Cresce o percentual, mas a desigualdade persiste



Foto: Professor Pingo

PROJETO SERINGUEIRO: UM EXPERIMENTO DE EDUCAÇÃO LIBERTADORA NAS FLORESTAS DO ACRE

Manoel Estébio Cavalcante da Cunha

O Projeto Seringueiro foi um movimento de educação popular libertador, implantado pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri (STR), a partir das florestas do Vale do Acre, com uma base constituída majoritariamente por seringueiros e seringueiras, tendo à frente das discussões o líder político Chico Mendes.

O Projeto, originalmente iniciado nas colocações de seringueiros das comunidades extrativistas do município de Xapuri, desenvolveu trabalhos e atividades de educação popular em um sentido mais abrangente, desde o ponto de vista que Lênin e Arroyo atribuem ao ato educativo, cuja função não se restringe, exclusivamente, à instituição escolar.

Nas palavras do pai da Revolução Russa, em "Uma grande iniciativa", as massas trabalhadoras se educam e adquirem verdadeira consciência de classe militando em eventos políticos concretos. E, somente assim, aprendem a fazer uma análise materialista de "todos os aspectos da atividade e da vida de todas as classes, setores e grupos da população".

Já Arroyo, em "Os Movimentos Sociais e a construção de outros currículos", escreve que "a diversidade de coletivos sociais em suas ações e movimentos (...) se apresentam como alternativas promissoras de conformação de espaços de produção, diálogo, sistematização, tradução de outros conhecimentos e outras pedagogias".

Este esclarecimento se faz necessário porque o Projeto Seringueiro se sobressaiu e se destacou por sua atuação na construção de um projeto de alfabetização de adultos, mas que posteriormente passou a

abranjer todo o ciclo da educação escolar básica, voltado para os segmentos infantis e de adolescentes dos territórios extrativistas.

Em sendo a primeira experiência concreta de educação libertadora implementada com, por e para os trabalhadores e as trabalhadoras da Amazônia, o Projeto Seringueiro também desenvolveu outras ações e atividades que possibilitaram formação e militância política para os quadros dos movimentos populares da floresta.

O CONTEXTO DA CONSTRUÇÃO DA AÇÃO POLÍ- TICO-SOCIAL DESENVOLVIDA PELO PROJETO SERINGUEIRO

O Projeto Seringueiro surge no início dos anos 1980, no município de Xapuri, no Acre, em uma conjuntura marcada pelas disputas fundiárias que opunham as populações tradicionais do estado, constituídas por indígenas e extrativistas, em sua maior parte seringueiros, e os latifundiários provenientes, sobretudo, das regiões Sul, Centro-Oeste e Sudeste do país.

Esses agentes neocolonizadores, que recebiam das populações locais a denominação genérica de "paulistas", caracterizavam suas ações pela extrema violência com que tratavam as populações autóctones, incluindo, segundo diversos registros históricos, a queima de casas de famílias de seringueiros com gente dentro, com a plena anuência dos poderes constituídos do Estado brasileiro.

Raimundo Mendes de Barros, o Raimundão, expressiva liderança do Movimento, companheiro de luta

e primo de Chico Mendes, testemunhou esse processo da chegada dos "paulistas", no final dos anos 1970, quando era agente de endemias na antiga Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (Sucam). Eis o seu depoimento:

Ouvi relatos de casas de seringueiros que foram destruídas por fogo, outras derrubadas por motosserras. Depois eu vi isso, e aquilo me chocou bastante, pois quando eu ia fazer os trabalhos nos lugares onde moravam esses companheiros seringueiros, eles hospedavam a gente, davam rede e comida para mim e meus colegas da SUCAM.

O Projeto Seringueiro se constituiu uma agência educativa poderosa, haja vista que promoveu a educação escolar e política, inicialmente dos/as líderes sindicais e dos/as monitores/as do Projeto, que eram os e as agentes de pastoral ligados/as às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), na época as únicas agências de militância e formação social e política na região do Vale do Acre.

Júlia Feitoza Dias, cofundadora do CTA (Centro dos Trabalhadores da Amazônia), descreve o papel fundamental dos monitores e das monitoras no Projeto Seringueiro:

Os monitores [e monitoras] vinham na maioria das vezes como voluntários e voluntárias, sem remuneração e dependendo muito da organização da comunidade. Às vezes dava para dar aula quinta, sexta e sábado, outras vezes de quinze em quinze dias. Às vezes os alunos vinham uma



Foto: CTA.

semana por mês. E aí as pessoas que já eram alfabetizadas, que conseguiam apreender conteúdos, elas também davam aulas.

Júlia descreve também o processo solidário de construção do Projeto Seringueiro:

Dinheiro, quase não havia. O pouco dinheiro que às vezes conseguíamos era para as ações práticas, nunca para salários. Por exemplo, o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) construía as escolas, a Secretaria de Educação pagava as formações, mas ninguém pagava os nossos salários, por isso nunca tínhamos dinheiro. E quando alguém recebia alguma ajuda de custo, o dinheiro era sempre dividido entre uma, duas ou três pessoas. Sempre foi assim: o pessoal vinha, e antes nem era

professor, era monitor, seguindo a terminologia e a lógica da militância de base da Igreja Católica.

O DESENVOLVIMENTO DO MODELO PEDAGÓGICO E A ELABORAÇÃO DOS MATERIAIS DIDÁTICOS DO PROJETO

O Projeto Seringueiro tinha por base metodológica a filosofia de Paulo Freire. Anteriormente, outras experiências de educação na Amazônia, tendo por referência o método Paulo Freire, foram desenvolvidas nas prelaças de Tefé e Parintins, no Amazonas, nos anos de 1963 e 1973, respectivamente, e em Santarém, no Pará, no ano de 1964.

Essas experiências de alfabetização de adultos foram desenvolvidas pela Igreja Católica por meio do Movimento de Educação de Base (MEB) e se realizavam com aulas transmitidas por radiofonia.

No Acre, a construção desse modelo pedagógico, adaptado à realidade local, ocorreu no início de 1981 e esteve a cargo da antropóloga Mary Allegretti, do indigenista Ronaldo Lima de Oliveira, da militante da Pastoral da Juventude católica Marlete Lima de Oliveira e do professor da Universidade Federal do Acre (UFAC) Pascoal Torres Muniz.

Essas pessoas, assessoradas pelo Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), entidade sediada em São Paulo, construíram um Projeto Político-Pedagógico de Alfabetização e Pós-Alfabetização e um conjunto de materiais didáticos denominado PORONGA, composto pelas Cartilhas de Português e Matemática e pelo Caderno do Monitor.

O processo de construção e edição dos materiais didáticos ocorreu em São Paulo, entre junho e dezembro de 1981. Nas discussões para definir o nome do material didático a ser produzido, a escolha recaiu no nome PORONGA, sugerido pela senhora Alzira Marinho. Em sua argumentação, ela disse:

Assim como a poronga "alumia" o caminho dos seringueiros durante o corte da seringa na escuridão dos varadouros, varações [atalhos nos caminhos no interior da floresta] e estradas de seringa, não saber ler e escrever e contar é como se a gente estivesse na escuridão, pois a pessoa se enrola nas contas que os marreteiros e patrões mostram pra nós, e a gente sempre está devendo e não pode nem reclamar, pois a gente está na escuridão de não saber ler e nem escrever para dizer que a gente não deve aquele tanto de dinheiro.

O apoio financeiro para custear os trabalhos de levantamento do universo vocabular, de discussão dos temas e das palavras geradoras, para definir o nome do material, para a edição das primeiras Cartilhas de Português e Matemática e do Manual do Monitor, e os recursos para auxílio laboral aos primeiros monitores/as e professores/as foi

dado pela *Oxford Family* (OXFAM), pela Coordenadoria Ecumênica de Serviços (CESE) e pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC).

ESCOLA WILSON PINHEIRO: A PRIMEIRA ESCOLA DO PROJETO SERINGUEIRO

Em março de 1982, os materiais didáticos foram testados nas aulas que se iniciaram na Escola Wilson Pinheiro, a primeira escola do Projeto Seringueiro, destinada inicialmente à alfabetização de pessoas adultas.

O laboratório onde se desenvolveu essa experiência, do ponto de vista territorial, foi a colocação Já Com Fome, no seringal Nazaré, onde o casal Ronaldo Lima e Marlete Oliveira residia e onde, em um processo de construção coletiva, a escola foi feita, em "adjunto" (mutirão), pela própria comunidade.

Essa primeira escola foi batizada com o nome de Wilson Pinheiro em homenagem ao nosso companheiro e mártir assassinado pelo latifúndio em 21 julho de 1980, na sede Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasília, o qual ele presidia.

À época, a colocação Já Com Fome estava sob domínio da fazenda Bordon, que naquela conjuntura hegemonizava a ofensiva dos latifundiários contra os territórios onde tradicionalmente viviam seringueiros e indígenas.

Além do pessoal do seringal Nazaré, outras famílias de outros dois seringais, que também estavam sob ameaças da fazenda Bordon, se juntaram no processo de discussão e construção da Escola Wilson Pinheiro: sete famílias do seringal Nazaré (família do Chico Marinho, do Demétrio Flores, do João Sena, do Zé Conde, do Isaias Ferreira, do Valderi Vicente, e o senhor Sebastião Rocha, o seu Rochinha, que era um eremita); uma do seringal São Pedro (Família do Simplício Pereira); e outra do seringal Tupá (Família do Sabá Marinho).

Em setembro de 1982, o Projeto Seringueiro incorporou em sua equipe o casal Manoel Estébio Cavalcante da Cunha e Dercy Teles de Carvalho, e a escola Wilson Pinheiro foi transferida para a colocação Deserto, no mesmo seringal Nazaré. Naquele ano, Ronaldo e Marlete deixaram

o Projeto, permanecendo na Escola Wilson Pinheiro apenas Manoel Estébio e Dercy Teles.

As outras escolas iniciais do Projeto Seringueiro foram feitas nas próprias casas das pessoas, em um processo muito forte de solidariedade. Como se usava o método Paulo Freire, as palavras geradoras eram luta, sindicato, adjunto e outras da realidade dos seringueiros. É só ver as primeiras cartilhas para observar que os e as professores/as ou monitores/as não precisavam falar muito, bastava usar as cartilhas.

A partir de 1983, com a criação do CTA, foram incorporados à equipe o indigenista Armando Soares, a militante do Centro de Direitos Humanos Fátima Silva e a socióloga Eloisa Winter.

O PROCESSO DE EXPANSÃO E CONSOLIDAÇÃO DO PROJETO SERINGUEIRO

Numa primeira fase, entre os anos de 1981 e 1986, o Projeto Seringueiro formou basicamente pessoas adultas, ligadas aos quadros de dirigentes e delegados/as do STR de Xapuri,





Foto: CTA.

e monitores/as das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

Do ano de 1987 em diante, atendendo a uma reivindicação da diretoria do Sindicato, o Projeto Seringueiro moldou um Projeto Político-Pedagógico voltado para os públicos infantil e adolescente, para também alfabetizar os filhos e filhas das famílias extrativistas.

Nessa nova fase, o Projeto Seringueiro foi presidido pelo professor Arnóbio (Binho) Marques, que convidou a professora Regina Hara, do CEDI, para constituir uma equipe técnica formada por: Andrea Dantas, pedagoga; Francisca Bezerra, professora de Letras e Língua Portuguesa; Dejalcir Rodrigues, professor de Física e Matemática; e pelos ex-professores do Projeto Seringueiro, Ademir Rodrigues, Jorge Gomes, Assiz Monteiro e Pedro Teles.

Embora os materiais didáticos que passaram a ser produzidos para as escolas do Projeto tenham mantido a denominação de Poronga e, no que tange à orientação didático-metodológica tenham sido mantidos elementos do método freireano, a nova coordenação pedagógica incorporou muitas contribuições do Construtivismo e das teorias do Letramento.

E, se na primeira fase do Projeto Seringueiro a influência teórica fora

de Paulo Freire, sobretudo por meio de suas obras seminais, como a “Pedagogia do Oprimido” e a “Educação como Prática da Liberdade”, na construção do projeto de educação voltado para crianças e adolescentes prevaleceram o pensamento de Magda Soares, principalmente com “O que é alfabetização e letramento”, e das professoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky, com a obra “Psicogênese da Língua Escrita”.

AS FRENTES DE AÇÃO POLÍTICO-SOCIAL DO PROJETO PARA A FORMAÇÃO DE LIDERANÇAS

Entre o início e meados dos anos 1980, principalmente a partir de 1983, por meio do CTA, o Projeto Seringueiro criou várias outras frentes de militância e de educação político-social, dentre elas: a Central de Produção e Consumo (CPC), voltada para a comercialização da produção extrativista e a aquisição direta de mercadorias que consumiam; uma frente de atuação no campo da saúde comunitária popular; um projeto de desenvolvimento comunitário, com ênfase na implantação de Sistemas Agroflorestais (SAFs) e de açudes; e uma estratégia para o desenvolvimento de ações no campo

da formação política e assessoria a lideranças dos sindicatos de trabalhadores e trabalhadoras rurais.

Nesse sentido, a ação político-social do Projeto Seringueiro foi muito produtiva, sobretudo no que diz respeito à contribuição para a criação e o fortalecimento do movimento de seringueiros em Xapuri e em todo o Vale do Acre.

Por exemplo, sua atuação foi fundamental para a realização do I Encontro Nacional de Seringueiros, em Brasília, onde, no dia 17 de outubro de 1985, foi criado o Conselho Nacional de Seringueiros (CNS) – desde 1997 denominado Conselho Nacional das Populações Extrativistas – e lançada, por Chico Mendes, a proposta das Reservas Extrativistas, como um projeto inovador para a proteção das florestas na Amazônia.

PROJEÇÃO NACIONAL E RECONHECIMENTO INTERNACIONAL

Em termos de educação escolar, o Projeto Seringueiro conseguiu, a exemplo do que ocorria com os projetos de educação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), sobretudo no Sul do país, estabelecer um convênio com o governo do estado do Acre,

por meio da então Secretaria de Educação e Cultura (SEC).

Foi constituída uma comissão paritária, formada por técnicos do Projeto Seringueiro e da SEC, que formulou e aplicou provas de concurso para candidatos ao magistério nas escolas organizadas pelo Projeto nos territórios extrativistas.

Com a sua experiência de educação inovadora voltada para populações da floresta, que até então viviam imersas num universo em que predominava apenas a comunicação oral, e com essas populações apresentando baixíssimos índices de lectoescritura, o Projeto Seringueiro ganhou projeção nacional e reconhecimento internacional.

No ano de 1997, foi agraciado com o prêmio Itaú/UNICEF, que selecionava as melhores experiências de Educação Popular. O Projeto venceu como a melhor experiência desenvolvida por instituição do movimento

popular, na categoria de formação de professores e professoras.

E, em 1999, venceu o Prêmio Internacional Paulo Freire pelo trabalho de produção e edição de textos de alunos e alunas das escolas da floresta.

O FIM DO PROJETO SERINGUEIRO

Nas últimas décadas, o estado do Acre passou por um processo político de ascensão de forças ligadas aos movimentos populares e sindicais, e isso foi, a meu ver, muito maléfico para o movimento popular, pois muitos de seus quadros, forjados na luta por mais de 20 anos, foram transferidos para as atividades e funções do Estado.

Isso foi deletério por dois motivos: primeiro, pelo esvaziamento do próprio movimento e, segundo, mas que está diretamente ligado ao primeiro, porque o Movimento que organizou a Aliança dos Povos da Floresta e que

deu ao país a proposta das Reservas Extrativistas deixou de formular novas bandeiras de luta, permitindo que o Estado passasse a pautar a ação política condutora de seu destino.

E essa pauta deixou de ser centrada na capacidade de organização, formulação, proposição, luta e resistência dos povos da floresta. Para o governo da Frente Popular, eleito pelo Movimento, a pauta mais importante passou a ser a introdução do chamado capitalismo verde nos espaços e nos movimentos.

Esse projeto não só dividiu como desmobilizou a base social do Movimento. Muitas lideranças extrativistas foram convencidas da justiça do projeto de governo e nele embarcaram sem nenhuma crítica às suas prováveis consequências desfavoráveis, tanto do ponto de vista econômico quanto ecológico e da organização social.

O rumo tomado abriu espaço para o avanço e a tomada de poder, pelo voto, das forças reacionárias ligadas



Foto: CTA.

ao neofascismo nacional e internacional, que hoje mandam e desmandam no Acre sem nenhuma capacidade de oposição real por parte do Movimento que, assim, perde relevantes projetos construídos com décadas de luta e mobilização.

Em consequência, hoje se verifica um notável enfraquecimento do movimento político-popular, com impactos mais graves para os territórios protegidos, como a Reserva Extrativista Chico Mendes (RESEX) e o Projeto de Assentamento Extrativista Chico Mendes, no seringal Cachoeira (PAE Cachoeira), onde os planos de uso originais foram abandonados.

No que tange à Educação, no ano de 2017 o Projeto Seringueiro deixou de existir. Sua inexistência gerou um vazio, sobretudo no campo da educação escolar, onde o Estado implantou a metodologia de educação rural que recria, nos territórios extrativistas, a antiga escola da cidade que “prepara” de forma acrítica as novas gerações para uma realidade que não é a delas.

As crianças e jovens da floresta voltaram a aprender com professores de fora de suas comunidades, que lhes ensinam que elas devem estudar “para sair do atraso que são

os territórios florestais” conforme, segundo Reichenbach, “essa concepção de educação rural, que pensa o campo meramente como território de produção econômica, não considera o espaço histórico social e suas relações sociais e políticas”.

Ainda assim, ficaram boas memórias e muitas lições aprendidas que, aqui e acolá, inspiram ações isoladas da velha e da nova militância. O testemunho a seguir mostra que, mesmo com todo o desmonte, algumas centelhas das práticas de educação desenvolvidas pelo Projeto Seringueiro ainda resistem.

Hoje a Secretaria de Educação impõe os livros das editoras de São Paulo que ensinam coisas que não dizem respeito à vida de nossos jovens. Eu me formei estudando no Projeto Seringueiro com a Cartilha Poronga, que reforçava a nossa cultura. Os exemplos que a gente via eram todos de nosso meio. Depois eu fui professor e ensinei meus alunos pelo mesmo método e me saí muito bem. Meus alunos aprenderam de maneira crítica. É preciso que a gente recrie o Projeto Seringueiro ou outra entidade parecida, tipo a Escola-Família Extrativista!

Encerro este artigo com essa lúcida análise do jovem Sebastião Aquino (Tião do Daú), fiel representante daqueles homens e mulheres lutadores e lutadoras que o precederam, esforços e bravuras que ele diz querer honrar no enfrentamento das grandes e difíceis batalhas que legaram à sua geração e às novas que virão o tesouro que é a conquista da Reserva Extrativista Chico Mendes.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Os Movimentos Sociais e a construção de outros currículos. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, jan/mar 2015. Editora UFPR.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. Uma grande iniciativa, in obras completas. Direitos de tradução em português reservados pela Editora Avante. Edições Progresso – Lisboa-Moscovo, 2010.



Manoel Estébio Cavalcante da Cunha – Cofundador do

Projeto Seringueiro, fundador do Centro dos Trabalhadores da Amazônia (CTA), professor do Centro de Filosofia e Ciências Sociais (CFCH) da Universidade Federal do Acre (UFAC).



Foto: Professor Pingo



O GAVIÃO

Thiago de Mello

Tenho, prefiro dizer que tive, um gavião que ficou meu amigo. É uma história que vai melhor em verso:

*Tardei tardes prolongadas
Para ter certeza
– pelo estremecer das asas brancas,
pelo brilho avermelhado do peito
e sobretudo pelo negro esplendor do seu bico –
de que era ele mesmo, o gavião.
Chegava de tardinha,
de começo desconfiado, olhando oblíquo,
e pousava, delicado como uma pomba,
no parapeito largo de itaúba,
e ali ficava me olhando,
a grossura das garras me assustando,
eu estirado na rede de tucum.
Demorava pouco, erguia voo,
sumia lá para as bandas do rio.
Um dia deu de me olhar diferente,
pulou pra o punho da rede e me disse
que gostava de mim. Era um gavião
pinagé, de rapina, mas de boa índole.
Comia os frutos das inajazeiras,
castanhas de caju, tucumãs velhos.
De tanto se sentir aconchegado,
acabou se fazendo companheiro
– sem precisar impor seu bom respeito –
de japiíns, pipiras, saracuras
e até, Deus o louve, dos tucanos.
Comiam juntos na maior concórdia.
Na Cordilheira dos Andes, olhando o voo
de aguiluchos, parentes do condor,
sentia saudades do amigo da floresta,
Uma tarde chegou, ficou me olhando,
imóvel, largo tempo, depois voou,
regressou, pousou no parapeito,
não soube me contar sua tristeza,
que me doía tanto, e então se foi,
as asas lentas, desapareceu
no fim dos verdes. Nunca mais voltou.*



Thiago de Mello (1926-2022) – Poeta maior do Brasil e da Amazônia, em: Amazonas: Águas, Pássaros, Seres e Milagres. Editora Salamandra, 1998.





A CONSTITUIÇÃO CIDADÃ COMPLETA 36 ANOS

O Brasil tem 200 anos de constitucionalismo. Contudo, apenas há 36 anos – no dia 5 de outubro – o país ganhou a Constituição Cidadã. O documento encerrou de forma definitiva a ditadura civil-militar (1964-1985), além de inaugurar um período de direitos e garantias fundamentais ao exercício da plena cidadania.

Naquele dia de outubro, presidida por Ulysses Guimarães, a

Assembleia Nacional Constituinte promulgou o mais importante texto legal brasileiro, após 21 anos de autoritarismo e ausência de segurança jurídica para a população.

Essa nova Constituição trouxe uma série de instrumentos de proteção ao país, além de direcionar o desenvolvimento nacional. Trata-se de um texto complexo, com 250 artigos divididos em 9 livros, ou títulos.

Entre eles, dispositivos positivos e negativos. Ou seja, além de limitar o poder do Estado e garantir a liberdade dos cidadãos, a Constituição estabelece metas para o país. Logo em seu terceiro artigo, por exemplo, o documento seleciona quatro objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil.

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

- I – construir uma sociedade livre, justa e solidária;
- II – garantir o desenvolvimento nacional;
- III – erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;
- IV – promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

A CONSTITUINTE

Em 1985, o então presidente José Sarney convocou a Assembleia Nacional Constituinte, investida do chamado poder constituinte originário. O titular deste direito em uma democracia é o povo. Então, 559 parlamentares escolhidos por meio do voto direto trabalharam 20 meses para elaborar o texto da Constituição.

Durante esse período, houve intensa participação da sociedade civil em amplos debates. Durante cinco meses, cidadãos de todo o país enviaram 72.719 sugestões. Dos deputados constituintes, saíram 12 mil ideias.

“A voz do povo é a voz de Deus. Com Deus e com o povo venceremos, a serviço da Pátria, e o nome político da Pátria será uma Constituição que perpetue a unidade de sua Geografia, com a substância de sua História, a esperança de seu futuro e que exorcize a maldição da injustiça social”, disse Ulysses Guimarães em seu discurso no ato de promulgação da Constituição.

“Liberdade, Soberania, Justiça. Sobre estas ideias simples construíram-se as maiores nações da história. Elas serão o âmago da nossa razão comum no trabalho de dotar a Nação de uma nova e legítima Carta Política”, completou. Foi Ulysses quem batizou a Carta Magna brasileira de “Constituição Cidadã”.

“Poucas Constituições no mundo democrático têm essa presença direta e atuante da sociedade na elaboração dos preceitos de império em seu ordenamento jurídico. O Brasil será, assim,

uma República representativa e participativa”, sentenciou o parlamentar.

A CONSTITUIÇÃO CIDADÃ

A Constituição brasileira possui algumas características fundamentais que a definem. Primeiramente, trata-se de uma constituição promulgada. Ou seja, fruto de um trabalho popular, democrático. Ela ainda é positiva, ou seja, exige condutas do Estado para garantir direitos da população, como o acesso à Educação, Saúde, Moradia e Alimentação.

Ainda é possível citar outras características centrais. Ela é rígida, pois possui um processo formal e complexo para sua alteração, além de conter cláusulas pétreas, que não podem ser alteradas. Apesar disso, parlamentares já alteraram seu texto 140 vezes.

Então, ela é dirigente, pois estabelece metas para o país. É analítica, pois trata de diversos assuntos e não apenas de matéria tipicamente constitucional. Do ponto de vista da ideologia, ela é eclética. Possui aspectos liberais (negativos) e sociais (positivos).

DOS DIREITOS E GARANTIAS

Costuma-se falar no Direito que os direitos fundamentais possuem diferentes dimensões, ou gerações. A primeira nasce do pensamento iluminista burguês.

Trata-se de leis que limitam o poder do Estado sobre o cidadão, garantindo liberdade e impedindo eventuais abusos estatais. É natural se imaginar o surgimento dessa corrente de direitos ao fim do absolutismo despótico europeu, onde a nobreza concentrava poder político e econômico.

Contudo, com a ascensão das classes burguesas e o estabelecimento do capitalismo como regime que regula o trabalho e a vida, surgiram problemas. A liberdade dos donos dos meios

de produção passou a significar liberdade para explorar.

Com a industrialização, as condições de vida eram as piores possíveis. Jornadas de trabalho exaustivas, grávidas e crianças trabalhando com poucas horas de descanso e ainda assim passando fome.

Então, com as revoltas socialistas surgem os direitos positivos de segunda dimensão. O Estado deveria, a partir de então, proteger o cidadão vulnerável dos abusos da burguesia.

DO ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO

A Constituição Cidadã representa um marco na defesa do Estado Democrático de Direito. Este, afinal, deve ser um dos papéis do Direito. “Atravessamos o mar revolto que incluiu tentativa de golpe de Estado. Entendemos (quase) tardiamente que devemos considerar o Direito como um grau acentuado de autonomia frente à política, moral e econômica”, como explica o professor jurista Lênio Streck.

“De todo modo, continuo propondo o que já fizera no dia 6 de outubro de 1988, quando fiz meu primeiro *judicial review* tornando não recepcionado o procedimento judicialiforme (Lei 6.416): a resistência constitucional. Cunhei a frase em 2014: cumprir e propugnar pela legalidade constitucional hoje é um ato revolucionário. Sejamos revolucionários”, finaliza Streck.

Fonte: <https://bancariosdf.com.br/portal/historia-e-direito-a-constituicao-cidada-completa-36-anos/>





O MAIOR ENIGMA DO BRASIL

Emir Sader

A esquerda triunfou no Brasil, com a derrota do bolsonarismo, a eleição de Lula e o bom governo que ele realiza. A economia voltou a crescer, o nível de emprego aumenta, há um processo efetivo de distribuição de renda, de diminuição das desigualdades e da miséria.

O país continua enfrentando problemas de pobreza, de pessoas abandonadas nas ruas, de violência e de segurança pública. Mas

conseguiu superar o pior momento, quando Dilma foi derrubada por um processo de *lawfare* – de judicialização da política –, assim como Lula preso, o que permitiu que Bolsonaro chegasse à presidência do Brasil.

Entretanto, o país encara esses problemas e outros a partir de uma situação mais favorável. Lula foi eleito novamente presidente do país, derrotando Bolsonaro, apesar de não ter maioria no Congresso e

ter que fazer alianças com partidos de centro, além de ter herdado um presidente do Banco Central neoliberal.

Este mandato de Lula, priorizando fortemente a implementação de políticas sociais, se caracteriza claramente como um governo antineoliberal. O governo tem estabilidade política, e Lula se projeta externamente como o mais importante diplomata do século atual. E,

internamente, se reafirma como o maior dirigente político da história do país.

O Brasil tem muitos desafios pela frente, mas, além de contar com a força política e o prestígio de Lula, poderá, talvez, contar com a reeleição dele como presidente, permitindo que governe pelo que lhe resta deste mandato e por mais um.

O que seria fundamental, considerando que o país ainda precisa de um projeto estratégico, que permita ao Brasil passar do antineoliberalismo ao pós-neoliberalismo, isto é, superar o período marcado pela hegemonia neoliberal para outro período histórico, que ainda não está claro como poderá ser.

Isso não significa que o governo tenha um programa que lhe permita enfrentar os grandes problemas que o país encara. O governo tem colocado em prática medidas antineoliberais, sem dispor de um projeto de longo prazo e de maior profundidade.

A economia do Brasil continua tendo no capital especulativo sua espinha dorsal. Revela a atração

que a ainda alta taxa de juros exerce, canalizando recursos para a especulação financeira e não para os investimentos produtivos.

Essa situação bloqueia a possibilidade de o país retomar um ciclo de crescimento e expansão econômica, apesar da superação da estagnação. A recuperação, pelo governo, do controle do Banco Central pode ser um elemento importante para elevar o ritmo de crescimento da economia.

Porém, o maior enigma do país reside no fato de que Lula faz um bom governo, mas as pesquisas não lhe dão um resultado favorável, proporcional ao sucesso do seu governo no plano econômico.

Bolsonaro está derrotado, mas o bolsonarismo sobrevive, sem que se entendam suficientemente as razões para isso. Nem o governo de Bolsonaro deixou uma herança positiva, nem o sucesso do governo Lula se reflete em um grau de aprovação amplamente majoritário na opinião pública.

O resultado das eleições municipais reflete essa situação. A direita,

entre o bolsonarismo, o Centrão e outras expressões da direita e da extrema-direita, saiu vitoriosa em todo o país. Ainda sem o resultado do segundo turno, o PT manteve resultados razoáveis, dado o previsível enfraquecimento do partido a nível nacional.

Isso significa que o prestígio da liderança de Lula no país não se traduz amplamente em resultados favoráveis ao PT. O partido precisa passar, urgentemente, por um processo de renovação a nível nacional, promovendo as novas gerações.

Antes disso, é preciso decifrar esse enigma de como o prestígio de Lula e do próprio partido não se traduzem em um apoio nacional amplamente majoritário. É indispensável decifrar esse enigma para que esteja garantido o futuro da esquerda no Brasil.



Emir Sader - Sociólogo. Cientista político. Membro do Conselho Editorial da *Revista Xapuri*.



Foto: Ricardo Stuckert/PR



Foto: Ricardo Stuckert/PR

MINISTRA MACAÉ

Iêda Leal

Em 27 de setembro deste ano de 2024, uma mulher preta, professora, assistente social e deputada estadual (PT-MG), Macaé Evaristo, vinda do interior de Minas Gerais, que perdeu o pai muito cedo e foi criada apenas pela mãe, que a fez estudar, tomou posse como ministra do governo do Presidente Lula, na pasta dos Direitos Humanos e da Cidadania.

Em seu discurso de posse, no Palácio do Planalto, a ministra definiu como prioridade de sua gestão o cuidado com a diversidade da população brasileira, por meio da criação de políticas “que estimulem a convivência, a solidariedade e o cuidado mútuo e comunitário”.

Dirigindo-se ao presidente da República, Macaé Evaristo reforçou a importância da execução de uma política pública humana e solidária:

Tem uma palavra, presidente *Lula*, que vem da filosofia africana: *ubuntu*, que significa humanidade

para todos. O termo, ao mesmo tempo que reafirma a beleza de cada um ser o que se é, chama a atenção para o entendimento de que só alcançamos a plenitude como indivíduos na coletividade, ‘eu sou porque nós somos’. E esta talvez seja a maior vocação do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania: humanidade para todos, direito à vida, à liberdade, à educação, à saúde e ao trabalho, direito à memória e à verdade.

Nomeada pelo presidente Lula em 11 de setembro, uma quinzena antes da posse, Macaé Evaristo assume uma pasta que tem por função combater todas as formas de violência e preconceito, além de articular as políticas públicas nacionais de promoção dos direitos humanos.

Dentre as principais ações de seu plano de ação, a ministra propõe “valorizar as populações das periferias, favelas, comunidades urbanas e do

campo, que pavimentam os caminhos de um futuro de um Brasil sem fome, sem miséria, sem racismo, sem machismo, sem capacitismo, sem lgbtqi+fobia, sem etarismo, porque nós precisamos cuidar dos idosos”.

Oxalá esta preta das Gerais, nascida em São Gonçalo do Pará em abril de 1965, com longa trajetória na educação, na defesa dos direitos humanos e na luta antirracista possa, por sua militância combativa e por sua gestão de excelência, abrir caminhos para mais mulheres negras no governo do presidente Lula e na política nacional.



Iêda Leal – Militante do Movimento Negro. Sindicalista. Conselheira da Revista Xapuri. Secretária de Gestão

do Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial.





Foto: Antenor Pinheiro.

ESCOLA 9037

Antenor Pinheiro, especial de Luanda, Angola

*Educar não é depositar,
Mas despertar.
Não é calar,
É libertar.*

*É lançar as sementes do pensar,
No solo fértil da mente desperta.
Onde cada pergunta é o florescer,
De uma nova descoberta.*

*Educação é chão e céu,
Caminho que se constrói a cada passo.
É diálogo, é sonho fiel,
De romper o medo e o cansaço.*

*Não é palavra morta que aprisiona,
Mas verbo vivo que transforma.
É o encontro de olhares que questionam,
E corações que buscam sua forma.*

*Na troca, nas mãos que se dão,
Na voz que se ergue em comunhão,
É onde o saber se faz canção,
E a liberdade brota em ação.*

*Educar é se fazer sujeito,
No ato de construir e ser.
É lutar por um mundo
mais justo e direito,
Onde cada ser possa florescer.*

(Estrada do Futungo,
Bairro de Belas, Luanda, Angola)



Antenor Pinheiro –
Geógrafo. Membro do
Conselho Editorial da
Revista Xapuri.





NOVIDADE PARA OLHOS CANSADOS

Clarice Lispector

Mesmo que você use óculos, esse novo exercício de descanso fará muito bem à sua vista. E dará novo brilho aos seus olhos.

Feche-os por alguns instantes. Cubra-os com as palmas das mãos, com delicadeza, sem fazer nenhuma pressão sobre eles. Respire fundo várias vezes. Descanse o cérebro procurando não ter pensamento. Pense numa só coisa, na cor negra.

Experimentou? Como se sente agora? Olhe-se no espelho: até o rosto parece mais repousado. E a cabeça também.

Clarice Lispector - Escritora (1920-1977), em *Só para Mulheres* - Conselhos, Receitas e Segredos - Organização Aparecida Maria Nunes, Editora Rocco, 2006.

Foto: divulgação



POR QUE NÃO MUDAR O MUNDO?

Paulo Freire

*Se é possível obter água cavando o chão,
se é possível enfeitar a casa,
se é possível crer desta ou daquela forma,
se é possível nos defender do frio ou do calor,
se é possível desviar leitos de rios, fazer barragens,
se é possível mudar o mundo que não fizemos, o da natureza,
por que não mudar o mundo que fazemos,
o da cultura, o da história, o da política?*

Paulo Freire (1921-1997) – Patrono da Educação Nacional, em *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo, Unesp, 2000. Publicado em homenagem ao 103º aniversário de nascimento de Paulo Freire, ocorrido em 19 de setembro de 2024.



NOVO PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Rosilene Corrêa

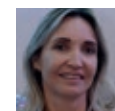
**A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem.
Não pode temer o debate.
A análise da realidade.
Não pode fugir à discussão criadora,
sob pena de ser uma farsa.**

Paulo Freire

pelo menos até o próximo dia 1 de fevereiro de 2025, quando ocorrerão as novas eleições das Mesas Diretoras do Congresso Nacional, aprove logo a criação de uma Comissão Especial para tratar especificamente sobre o novo PNE. Trata-se de uma assunto muito importante para ficar sob o tiroteio partidário e ideológico que tomou conta da Comissão de Educação da Casa desde quando o Deputado Nikolas Ferreira (PL/MG) assumiu a sua presidência.

O tema da Conae 2024 – “Plano Nacional de Educação 2024-2034: política de Estado para garantia da educação como direito humano com justiça social e desenvolvimento socioambiental sustentável” –, que pautou as diretrizes que hoje estão inscritas no projeto do novo PNE, deve continuar sendo o norte para a construção desse projeto decenal para a educação brasileira. E, no âmbito dos debates legislativos, a bússola da CONAE tem por obrigação também melhorar o projeto encaminhado pelo Poder Executivo, nas lacunas que por ventura se apresentem nele.

Embora o projeto legislativo do novo PNE encaminhado pelo MEC ao Congresso Nacional apresente uma base sólida de diretrizes, objetivos, metas e estratégias para a educação no Brasil, fruto dos debates da CONAE de janeiro de 2024, seu sucesso vai depender, principalmente, de sua articulação com os planos decenais de educação nos Municípios, nos Estados e no Distrito Federal. E isso só poderá ser feito se conseguirmos criar um clima de diálogo social e construção positiva com os principais atores desse debate: educadores/as, gestores/as, estudantes, comunidade escolar e educacional em geral, sociedade civil, entidades de representação sindical e científicas. Não podemos perder essa oportunidade histórica de transformar de vez a nossa educação!



Rosilene Corrêa –

Vice-Presidenta do PT-DF.

Diretora da CNTE.

Ex-diretora do SINPRO-DF.

Em junho desse ano, poucos meses antes das comemorações do aniversário de 103 anos de nascimento do educador Paulo Freire, nosso tão ameaçado Patrono da Educação brasileira e também do Distrito Federal, a Câmara Federal aqui em Brasília aprovou a extensão do atual Plano Nacional de Educação-PNE (2014-2024) para 31 de dezembro de 2025. O que era para ser finalizado ainda em junho de 2024, com a pactuação de novas metas ainda mais audaciosas para a nossa educação, foi prorrogado por mais um ano.

Conforme depoimento da Deputada Socorro Neri (PP-AC), relatora do projeto na Câmara que prorroga o PNE, a extensão se fez necessária para que não houvesse descontinuidade no planejamento educacional no Brasil, uma vez que o projeto do novo plano (PL 2614/24), de autoria do Poder Executivo, aguarda votação na Câmara. A verdade é que o país como um todo se atrasou nos debates necessários para se fazer o novo PNE: no meio do (des)governo de Bolsonaro, a educação não era pauta. Foi preciso o Governo Lula assumir para esse assunto volta aos debates públicos nacionais, o que veio a acontecer também com algum atraso. Foi somente com a edição extraorfinária da Conferência Nacional de Educação (CONAE), em janeiro de 2024, que a gente pode começar a pensar no novo PNE.

Enviado pelo Poder Executivo no último dia 26 de junho, o novo PNE continua com sua tramitação parada na Câmara Federal. À espera da apreciação pela Mesa Diretora da Casa da proposta de criação de uma Comissão Especial para tratar do assunto, o novo plano decenal da educação brasileira requer um amplo processo de diálogo para que, nesse próximo período de 10

anos, o Brasil não passe pelo vexame de não ver cumprida a maioria esmagadora das metas pactuadas no atual PNE (2014-2024).

A verdade é que as metas do atual PNE não foram cumpridas por uma descontinuidade imposta no processo educacional do país, que vinha sendo construído arduamente no último período em nosso país, desde, pelo menos, a promulgação de nossa atual Constituição. O golpe político travestido de impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff interrompeu de forma vigorosa esse processo incremental de ampliação da política educacional brasileira. Entretanto, quaisquer que sejam as outras razões desse fracasso, a educação brasileira não pode se dar ao direito de fracassar por mais um decênio. É tarefa nossa, das educadoras e dos educadores comprometidos/as com a educação pública, a de construir um novo PNE à altura do Brasil e de sua grandeza enquanto país.

Para isso, ainda é tempo de inserir no novo PNE as contribuições inovadoras de Paulo Freire que, reconhecidas globalmente em vários cantos do mundo, permitirão que as novas gerações possam se educar por meio de uma conscientização crítica e de uma aprendizagem dialógica, onde “educando/a e educador/a” possam colaborar, em parceria, no maravilhoso processo da ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, o novo PNE, elaborado a partir de consulta com os diversos setores e segmentos da movimento educacional brasileiro, sobretudo com os insumos daquela última CONAE, não deve, agora, em seu processo de tramitação no Congresso Nacional, prescindir da auscultação social. Mais do que nunca, a Casa do Povo deve ouvir os/as educadores/as brasileiros/as. E nada melhor para isso acontecer que a Câmara Federal, ainda sob a presidência de Artur Lira (PP/AL)



O VISCONDE QUE PASSOU POR FORMOSA

Zezé Weiss

Já tem dias que quero comentar sobre “O Visconde que passou por Formosa”, uma lindeza de livro que recebi, autografado, do historiador, professor da UEG-Campus Nordeste, e escritor com cinco livros e vários artigos publicados, Fábio Santa Cruz.

O livro resume o perfil de Francisco Adolfo de Varnhagem, cidadão nascido em Sorocaba (SP), cientista brasileiro, estudioso da história do Brasil que, em 1832, abandonou o campo das pesquisas para lutar na guerra civil que teve início em Portugal.

Conta sobre a jornada de Varnhagem pela diplomacia e pela escrita, tendo produzido mais de 15 livros, incluindo a coletânea “História Geral do Brasil”, com o primeiro livro publicado em 1854 e o segundo em 1857.

Entretanto, o caju do campo do livro de Santa Cruz está na descrição da viagem do visconde ao Planalto Central, no ano de 1877, para “analisar a região onde poderia ser construída a nova capital do Brasil”.

Segundo o relato de Santa Cruz, Varnhagem “viajou de trem para Uberaba. Daí por diante, seguiu a cavalo e com muitas mulas carregando diversos objetos. A viagem era desgastante e cansativa. Varnhagem já tinha mais de 60 anos, mas foi até o fim. Nada o fez desistir”.

Da Vila de Formosa da Imperatriz onde, segundo Santa Cruz, se hospedou

por 15 dias, satisfeito, o visconde escreveu uma carta para o Rio de Janeiro, endereçada ao ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, Tomás José Coelho de Almeida, em 29 de julho de 1877. Dois trechos desta “Carta de Formosa” também estão no livro:

Refiro-me à bela região situada no triângulo formado pelas três lagoas, Formosa, Feia e Mestre D’Armas, com chapadões elevados mais de mil e cem metros, sobre o mar, como nela requer para a melhoria do clima a menor latitu-

de, com algumas terras mais altas do lado norte, que não só a protegem dos ventos menos frescos desse lado, como lhe oferecerão indispensáveis mananciais.

(...)uma paragem de importância desta, que, pela bondade de seu clima e sua fertilidade, recomendaria no estrangeiro o Brasil todo, que pela sua posição favoreceria notavelmente o desenvolvimento do comércio interno de todas as províncias, e que (quando viesse a ser a sede do governo) afiançaria nos sé-

culos futuros a segurança e unidade do Império, parece-me que é digna de merecer desde já a devida atenção dos poderes públicos do Estado, fazendo convergir para ela todas as comunicações, começando pela continuação da estrada Pedro 2º, levando-a talvez de preferência pelo Paraopeba, Rio de S. Francisco e Urucuia, cujas cabeceiras se acham muito perto desta vila.

Delícia de leitura. Escreve mais, professor!



Zezé Weiss -
Jornalista. Editora da Revista Xapuri.



Foto: divulgação

"LUTA MELHOR QUEM TEM BELOS SONHOS"



POR AQUI, O COMPROMISSO É:
"SEGUIR SONHANDO. SEGUIR LUTANDO."

**NÓS SONHAMOS.
E OUSAMOS ORGANIZAR NOSSOS SONHOS.
EM NOVEMBRO, COMPLETAMOS 10 ANOS
NA RESISTÊNCIA
POR ESTE MUNDO MELHOR
QUE ACREDITAMOS AINDA SER POSSÍVEL.**



10 ANOS

**MAIS DO QUE UMA REVISTA
UM ESPAÇO DE RESISTÊNCIA
PIX: [CONTATO@XAPURI.INFO](https://contato@xapuri.info)**



NO BRASIL, MULHERES RECEBEM 20,7% MENOS QUE HOMENS QUE EXERCEM A MESMA FUNÇÃO

No Dia Internacional da Igualdade Salarial, comemorado em 18 de setembro, os ministérios das Mulheres e do Trabalho e Emprego (MTE) apresentaram o 2º Relatório de Transparência Salarial e anunciaram uma série de medidas para que o Brasil alcance a equidade.

Segundo o levantamento, feito com base em informações envia-

das ao Governo por mais de 50 mil empresas com 100 ou mais empregados e empregadas, em 2023, as mulheres recebem em média 20,7% menos que os homens. O documento considerou ainda os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) daquele ano.

Nos cargos de gerência, a desigualdade é ainda mais aprofun-

dada, com as mulheres recebendo cerca de 73% dos salários dos homens que exercem a mesma função. E, quando se trata de profissionais em nível superior, elas ganham 31,2% menos que os homens.

Durante a divulgação do relatório, a ministra das Mulheres, Cida Gonçalves, avaliou que o combate à desigualdade salarial é resultado de

preconceito estrutural, ou seja, está na raiz da sociedade e, portanto, necessita de vários instrumentos sociais para ser superada.

"Ainda acham que o que as mulheres [ganham] é o complemento do salário dos homens. Não é. Nós precisamos convencer as empresas, os homens e todo o mundo que as mulheres, hoje, são aquelas que mantêm suas famílias. O desafio é colocar as mulheres na centralidade do debate", completou.

"Os dados deste 2º relatório mostram que houve aumento na diferença salarial entre homens e mulheres, em relação ao 1º relatório de transparência, divulgado em 25 de março pelo governo, com base nos dados de 2022 e que mostrava que as mulheres recebiam 19,4% menos que os homens no Brasil", observa a secretária da Mulher da Confederação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Ramo Financeiro (Contraf-CUT), Fernanda Lopes, que participou do evento de divulgação do relatório deste ano, em Brasília, representando a entidade.

A dirigente ressalta ainda que a desigualdade salarial entre gêneros rouba recursos da economia ao lembrar que, recentemente, o instituto internacional McKinsey divulgou pesquisa com dados de 118 países mostrando que a paridade acrescentaria cerca de R\$ 60 trilhões (US\$ 12 trilhões) ao PIB global.

"A igualdade salarial entre homens e mulheres é uma reivindicação dos movimentos sociais em âmbito mundial. São necessários avanços, neste sentido, em todo o mundo.

Aqui no Brasil, tivemos avanços recentes com a elaboração de políticas para criar e fortalecer mecanismos que mudem essa realidade, como o relatório de transparência, que traz um diagnóstico essencial para que nós, como sociedade, reconheçamos a situação para poder superá-la", completa Fernanda, que também representou o movimento sindical bancário no Grupo de Trabalho Interministerial (GTI) do Plano Nacional de Igualdade Salarial e Laboral entre Mulheres e Homens.

DESIGUALDADE RACIAL

O 2º Relatório de Transparência Salarial confirma também que o país continua praticando desigualdade salarial entre brancos e pretos: mulheres pretas recebem em média metade (50,2%) do salário dos homens brancos e representam cerca de 10% dos trabalhadores dos estabelecimentos analisados.

O relatório aponta ainda que somente 35,3% das empresas têm alguma política de incentivo à contratação das mulheres e 22,9% delas oferecem auxílio creche. Além disso, somente 27,9% das empresas indicaram ter política de incentivo à contratação de mulheres negras.

AÇÕES

O relatório de transparência é um dos mecanismos da Lei da Igualdade Salarial e de Critérios Remuneratórios (nº 14.611), criada e sancionada pelo governo Lula. No evento deste ano, para a divulgação do material, os ministérios envolvidos com a proposta anunciaram 79 ações para combater a desigualdade salarial entre gêneros, divididas em três eixos:

1. Acesso e ampliação da participação das mulheres no mundo do trabalho, com 36 ações de enfrentamento às barreiras que impedem as mulheres de acessar o mundo do trabalho em condições de plena igualdade;
2. Permanência das mulheres nas atividades laborais, com 19 ações para reduzir os obstáculos a essa permanência, e promoção de políticas de compartilhamento das responsabilidades familiares; e,
3. Ascensão e valorização profissional das mulheres no mundo do trabalho, com 24 ações que visam estimular e criar oportunidades para mulheres jovens acessarem carreiras vinculadas às ciências exatas.

NA CATEGORIA BANCÁRIA

Fernanda Lopes ressalta que a desigualdade salarial entre gêneros também é enfrentada na categoria. Segundo levantamento do Dieese, de 2022, apesar de representarem quase 48% da categoria, as bancárias têm remuneração média 20% inferior à remuneração média dos homens bancários.

O recorte racial revela uma distorção ainda pior: as mulheres bancárias negras (pretas e pardas) têm remuneração média 36% inferior à remuneração média do bancário branco.

Por conta dessa diferença, para que as mulheres negras bancárias recebam a mesma remuneração que os colegas homens e brancos, elas teriam que trabalhar num mês de 48 dias ou mais 7 meses do ano para haver igualdade salarial.

"Neste ano, conquistamos entre os avanços sociais para a renovação da Convenção Coletiva de Trabalho (CCT) o compromisso dos bancos de alcançar a paridade salarial e de oportunidade de ascensão nas empresas do setor", destaca a dirigente.

Na Consulta Nacional da Categoria Bancária, realizada neste ano com quase 47 mil trabalhadores do setor de todo o país, o tema Igualdade de Oportunidade apareceu na 5ª colocação entre as prioridades da classe relacionadas às cláusulas sociais.

Entretanto, quando analisadas separadamente as respostas de homens e mulheres, Igualdade de Oportunidade apareceu na 1ª colocação para 65% das mulheres, atrás de outros temas das cláusulas sociais como manutenção de direitos, combate ao assédio moral e emprego.

Enquanto, para a maioria dos homens, manutenção de direitos é que aparece na 1ª colocação, ficando Igualdade de Oportunidade somente na 6ª posição.

Fonte: Contraf-CUT



FETEC CUT
Centro Norte

A MISSÃO DE QUEM ACORDA MAIS CEDO É DESPERTAR TODA A ALDEIA

Altair Sales Barbosa



clímax evolutivo, ou seja, uma vez degradado, não se recupera jamais na plenitude de sua biodiversidade.

Importante destacar também que a maior parte das plantas do Cerrado tem um desenvolvimento lento, algumas espécies levam séculos para atingir a maioria, fato que torna quase impossível um trabalho de recomposição vegetal com as plantas nativas.

Sem mencionar que essas plantas estão condicionadas a um tipo de solo oligotrófico, com balanço hídrico específico, hoje difícil de ser encontrado de maneira geral no Cerrado.

Não se mede a degradação ambiental apenas pela ocorrência de uma ou outra planta. Há de se considerar comunidades, tanto vegetais como animais, incluindo insetos polinizadores, água etc. Tudo isso já não existe no Cerrado de forma contínua. O que há são fragmentos que não representam nem 10% da área total original.

No ano de 2014 dei uma entrevista para o jornal Opção, de Goiânia, que foi publicada pelo jornal e reproduzida na Revista Xapuri. Antes disso, eu já havia escrito vários artigos científicos sobre o mesmo tema, a extinção do Cerrado, com alcance baixíssimo em relação à entrevista, que teve grande repercussão.

Não sei se foi por causa da linguagem, ou se foi em virtude do alcance da tiragem do jornal, ou mesmo do público diferenciado da revista, mas o fato é que o conteúdo da entrevista rendeu várias indagações e atitudes, diferentemente das centenas de palestras que eu já havia proferido sobre temas correlatos no Brasil e no exterior.

Até hoje, depois de alguma exposição minha, volta e meia surge uma pergunta com base naquela entrevista, o que me obriga a explicar tudo novamente, só que num espaço de tempo mais curto, limitado ao tempo de uma resposta rápida, no contexto de uma palestra.

É por isso que volto ao tema, visando ressuscitar alguns pontos

já frisados anteriormente, porque, como temos por princípio que a missão de quem acorda mais cedo é despertar toda a aldeia, lá vamos nós seguindo a coerência, sempre guiada pelos novos e atualizados mandamentos da prática científica.

CARACTERÍSTICAS DO SISTEMA BIOGEOGRÁFICO DO CERRADO

O Cerrado dos Chapadões Centrais do Brasil se nos apresenta como um Sistema Biogeográfico, com vários subsistemas que se diferenciam por solos, fisionomia vegetal, fatores atmosféricos, quantidade de água – superficial e nos lençóis subterrâneos –, comunidades animais etc.

Qualquer modificação nos elementos dos subsistemas provoca modificações no Sistema como um todo.

Como o Cerrado é uma das matrizes ambientais mais antigas da história recente do Planeta Terra, que tem seu início no Cenozoico, convém destacar que este ambiente já chegou ao seu

MODELO ECONÔMICO INSUSTENTÁVEL

A partir do início da década de 1970, uma nova matriz territorial, com raízes e consequências predatórias, foi implantada na área, para incluir a economia do Cerrado dentro dos parâmetros da economia mundial.

Daí em diante, foi só uma questão de tempo para que os problemas ambientais aparecessem e se agravassem cada vez mais. A questão atual do desaparecimento dos pequenos cursos d'água, alimentadores dos maiores, é apenas a ponta de um iceberg que tende a se tornar cada vez mais evidente.

Todo grande empreendimento econômico, principalmente aqueles que degradam o meio ambiente, se apoia numa justificativa de que grandes oportunidades de emprego

surgirão e de que a qualidade de vida das populações aumentará.

Desde o início da implantação desse modelo, quando as grandes monoculturas foram implantadas no Brasil, isso não aconteceu. O que temos hoje é um quadro desolador, em decorrência desse modelo econômico concentrador, que empurra as populações rurais para as periferias das áreas urbanas.

A grande expectativa da geração de emprego criada por empresários e governos não passou de um mito, cuja concentração de população no entorno da área produtiva gerou povoados e cidades mal planejadas, criou bolsões de miséria e aumentou em muito a prostituição infantil e a criminalidade.

Em termos ambientais, herdamos a possibilidade de vivermos um futuro incerto, com os rios secos e água potável cada vez mais difícil e cara.

DESMATAMENTO E QUEIMADAS

A derrubada em larga escala da vegetação nativa tem demonstrado que os gases cósmicos se concentram na atmosfera baixa da Terra, aumentando o efeito estufa e o aquecimento global.

Com o agronegócio predatório desmatando e queimando imensos quinhões de Cerrado, vem-se provocando uma inversão climática que resulta, dentre outras consequências, no aparecimento de furacões em áreas onde não existiram desde o início do Holoceno.

É preciso esclarecer, entretanto, que o fogo, historicamente, não é o grande vilão da destruição do Cerrado. Enquanto formação vegetal, o Cerrado é explicado por uma teoria denominada escleromorfismo oligotrófico. O oligotrofismo do solo é acentuado pelo fogo que, basicamente, dele retira seus nutrientes básicos.

Desde longa data, a vegetação do Cerrado, principalmente nos seus aspectos *sensu strictu* e cerrado, retém o máximo de açúcar que retira do solo e sequestra, para seu alimento, grande quantidade

de CO² da atmosfera, depositando esse gás nas raízes profundas.

Nesse processo, o açúcar é transformado em um tecido chamado esclerênquima, que é armazenado nas bifurcações das plantas, dando a elas um caráter tortuoso.

Existem muitos, mas, para resumir, citaremos a existência de caules subterrâneos, com função de reservas e com gemas, que permitem a reprodução das plantas após a passagem do fogo; são processos adaptativos que demonstram uma história evolutiva complexa e antiga dessa vegetação.

Outros tipos de vegetação precisam de situações extremas para sobreviverem. No caso polar, por exemplo, existem as tundras, que florescem depois do degelo. O gelo polar funciona como o fogo, provoca quase o mesmo efeito, para a rebrota das plantas.

As sequoias que ocorrem principalmente na Califórnia, na América do Norte, é outro tipo de formação vegetal que intimamente convive com fogo, e este é primordial para sua propagação e sobrevivência. De formação antiga, tal qual o Cerrado brasileiro, essas florestas representam, para a região onde ocorrem, o mesmo papel que a vegetação de cerrado representa para os chapadões centrais da América do Sul.

Não se pode levar adiante qualquer estudo sobre o Cerrado sem considerar o fogo, elemento com o qual essa paisagem está intimamente associada. Apesar da sua importância para o entendimento do Sistema Biogeográfico, a ação do fogo no Cerrado é ainda mal conhecida, e geralmente marcada por questões mais ideológicas do que científicas.

O estudo do fogo, como agente ecológico, será mais completo se também se observam as comunidades faunísticas e os hábitos que certos animais desenvolveram e que estão intimamente associados à sua ação, cuja assimilação, sem dúvida, necessita de arranjos evolutivos caracterizados por um tempo relativamente longo.

Algumas observações constataam, por exemplo, que a perdiz (*Rhynchotus rufescens*), só faz seu ninho em macega, tufos de

gramíneas queimadas no ano anterior. Visitando várias áreas de Cerrado, imediatamente após as queimadas, constata-se que, mesmo com as cascas das árvores e arbustos carbonizados superficialmente, há entre as cascas e o tronco intensa microfauna.

Fenômeno semelhante acontece com extrato gramíneo, que poucos dias após a queimada, mostra sinais de rebrota, que constituem elemento fundamental para a concentração de certas espécies animais.

ADAPTAÇÃO

A ação do fogo no Cerrado criou neste ambiente, ao longo do tempo, vários exemplos de adaptação. No caso animal, pode-se citar, por exemplo, o caso da ema (*Rhea americana*), que faz um ninho grande, com cerca de 50 ovos que são chocados pelo macho no meio do campo.

Para proteger o ninho, a ema faz um pequeno aceiro para, quando o fogo vier, não atingir o ninho. Isso era possível porque se tratava de um fogo brando, rápido e rasteiro, que simplesmente lambia o resto das gramíneas secas e mortas. Esse fogo não tinha força para atravessar o pequeno aceiro feito pela ave.

Outro dado importante a destacar, quando se procura entender a ação do fogo ao longo da história, é que a ação do homem pré-histórico brasileiro não funcionou como elemento perturbador dessa paisagem, porque, além da ocupação do interior do Brasil ser um fato relativamente recente, era insignificante em termos populacionais para produzir perturbações em amplas escalas; suas ações revestem-se de caráter puramente local.

Entretanto, o calor e as variações do albedo, sempre altos nas áreas do Cerrado, provocam intensos movimentos convectivos na atmosfera, onde a concentração da umidade e o forte gradiente térmico atmosférico montam rapidamente tempestades magnéticas caracterizadas pela intensidade dos trovões, relâmpagos e raios, provocando o fogo

espontâneo, que antes era brando e tinha a função de limpar os tufos das gramíneas nativas, para que brotos novos surgissem ou para a quebra da dormência das sementes, que propagavam essas espécies.

De imediato vêm as floradas e, com as primeiras chuvas, a rebrota das gramíneas; em seguida chegam os primeiros frutos. Esse ciclo complexo sustenta os herbívoros que, por sua vez, sustentam os carnívoros, restabelecendo novamente o ciclo da vida.

Também é importante salientar, como causas do fogo espontâneo no Cerrado, que nesse Sistema encontra-se uma grande variedade de rochas que refletem com intensidade a luz do sol e que essa luz, ao encontrar massa combustível vulnerável, imediatamente se inflama.

As rochas quartzosas, desde as esbranquiçadas até o quartzo hialino, as biotitas, as muscovitas, o sílex, o arenito silicificado, todas podem provocar esse tipo de fenômeno. Já presenciei isso muitas vezes, em longos trabalhos de campo.

Outro fenômeno muito comum de fogo espontâneo no Cerrado ocorre nas margens dos rios, nas veredas, nos pantanais e até nos lagos artificiais. Trata-se do fogo-fátuo, que é a combustão resultante do contato de gases metano e fósforo com o oxigênio da atmosfera. O fogo-fátuo é comum nesses locais.

Nas veredas, em função da presença de turfa e constante material em decomposição, esse fenômeno é muito comum e pode se alastrar com facilidade, por causa da existência de um estrato inferior composto de muitas gramíneas nativas, dentre estas, o capim dourado.

Entretanto, os locais onde fogos-fátuos ocorrem com mais frequência são as áreas de pantanais; no Sistema do Cerrado existem pequenos pantanais e grandes pantanais. Entre os pequenos, podemos citar os do rio Paranã, em Flores de Goiás, e o pantanal do rio Capivari, próximo à cidade de Acreúna, Goiás. Entre os grandes, o destaque é para o Pantanal

Mato-grossense, da sub-bacia hidrográfica do rio Paraguai. Aliás, fisiograficamente, esta paisagem não passa de um subsistema do Sistema Biogeográfico do Cerrado.

Nesse local, na época das águas, formam-se grandes e pequenas lagoas marginais, algumas perenes, mas outras, principalmente as menores, quando vem o período de estiagem, começam a secar. Quando cheias, estavam recheadas de vidas, que com a estiagem agonizam à medida que o processo de seca avança.

Como o fundo é argiloso, em função do processo de sedimentação lento, muitos animais, na ânsia da sobrevivência, se misturam a esse meio argiloso da lagoa, até que toda a água se evapore. O mesmo processo de decomposição acontece pela ação das bactérias e, quando os gases saem por alguma brecha, o contato com o oxigênio provoca o fogo azulado.

Nos pantanais, porém, a massa combustível é bem maior que nas outras, daí a possibilidade de o fogo se alastrar pelas gramíneas nativas secas é também maior.

DEVASTAÇÃO

Findo o ciclo da mineração no centro do Brasil, em função de múltiplas razões, os antigos mineiros apossaram-se das terras em volta dos antigos centros mineradores, para desenvolver uma agricultura e uma pecuária básicas, que pudessem alimentar a si e aos seus.

Dessa forma, a pecuária, antes de se transformar em intensiva e altamente científica e tecnológica, foi praticada extensivamente à solta sobre as imensas pastagens, em uma tradição que se iniciou em terras situadas no oeste do rio São Francisco, nos gerais da Bahia e de Minas.

Com a introdução em larga escala do gado indiano, especialmente a raça nelore, a partir da década de 1940, associada às técnicas de inseminação artificial, foi tomando proporções gigantescas a introdução de gramíneas exóticas nas áreas do Cerrado.

Por serem severas, agressivas e invasoras, essas espécies logo se espalharam nos diversos ambientes de cerrado, provocando a perda da biodiversidade. Além disso, por não possuírem sistemas radiculares complexos, essas gramíneas não absorvem as águas das chuvas da forma que fazem as gramíneas nativas. A consequência imediata é a diminuição da umidade do solo e dos depósitos de água subterrânea.

O manejo inadequado dessa massa combustível e o preconceito contra o fogo, fundamentado nas raízes religiosas da população, que confunde fogo com inferno, contribuem para que jamais se entenda que o fogo é um dos elementos que compõem o meio ambiente.

Um dia o fogo chega, pois o planeta é dinâmico e os fenômenos que aconteciam no passado continuam ocorrendo. Portanto, o fogo pode chegar por causas naturais ou antrópicas ou pela associação das duas e, quando isso acontece, ele se transforma em queimada muitas vezes incontrolável e prejudicial a qualquer forma de vida.

Esse quadro só reforça o que venho afirmando com relação ao Cerrado: na plenitude de sua biodiversidade, o ambiente não existe mais. E, se hoje o fogo aterroriza, amanhã muitos seres morrerão de sede, e a disputa dos humanos pela água será cada vez mais acirrada.

A introdução das gramíneas exóticas agressivas e invasoras por excelência, que deu o último empurrão para a desconfiguração do Cerrado, exige um plano de manejo adequado, quer seja utilizando o próprio fogo, em áreas e tempos alternados, quer seja limpando com máquinas as áreas com as macegas incendiárias.

De uma forma ou de outra, o prejuízo ambiental é irreversível, mas, pelo menos, proporciona aos humanos momentos de mais conforto.



Altair Sales Barbosa - Pesquisador do CNPq, Pesquisador convidado da UniEVANGÉLICA de Anápolis. Sócio-Emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Conselheiro da Revista Xapuri, desde a segunda edição, publicada em dezembro de 2014.

QUILOMBOLAS ELEGEM PREFEITOS E PREFEITAS EM 17 MUNICÍPIOS BRASILEIROS



Foto: Joáedson Alves/Agência Brasil

Segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), em 17 municípios brasileiros, candidatos e candidatas que se declararam quilombolas venceram as eleições no último dia 6 de outubro.

A maior parte das lideranças eleitas é de homens (15), enquanto há duas mulheres no grupo. Quanto à cor declarada ao TSE no registro da candidatura, há oito pessoas pretas, seis pardas e três brancas.

Os municípios que elegeram quilombolas ficam nas regiões Norte, Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste. Nenhum quilombola foi eleito prefeito em cidades da Região Sul.

O estado de Goiás terá quatro cidades governadas por quilombolas: Fernando Cardoso (União) venceu

em Cromínia; Chico Vaca (PL), em Corumbá de Goiás; Vilmar Kalunga (PSB), em Cavalcante; e Ney Novaes (PT), em Professor Jamil.

No Tocantins, três municípios terão prefeitos quilombolas: Chapada da Natividade, onde venceu Elio Dionizio (Republicanos); São Félix do Tocantins, que elegeu Gercimar (Republicanos); e Peixe, que elegeu Cezinha (MDB) para prefeito. Em São Paulo, Dr. Victor Maruyama (Podemos) elegeu-se prefeito em Barra do Turvo.

O Maranhão elegeu Nivaldo Araújo (PSB), em Alcântara; Valdenir (Mobiliza), em Nova Olinda do Maranhão. Na Bahia, Jocivaldo Joci (PT) se elegeu em Antônio Cardoso, e Dr. Arismário (Avante),

em Santaluz. Em Minas Gerais, Tati Cobra (União) foi eleita em Borda da Mata; e Cilinha (PSD), em Vargem Alegre.

O Ceará elegeu Bel Júnior (PP), em Senador Sá; O Piauí, Fabiano Lira (PT), em Brejo do Piauí; e o Pará, Aluisio do Teca (Republicanos), em Mocajuba.

Nas eleições do Legislativo, 262 homens e 72 mulheres quilombolas conseguiram uma vaga para as câmaras municipais de suas cidades

Fonte: Agência Brasil via Midia Ninja (<https://midianinja.org/quilombolas-vencem-eleicao-para-prefeito-em-17-cidades/>)

NO MUNDO EM FRANGALHOS, A LEITURA

— José Bessa Freire



***Nunca leio os livros que critico,
para não me deixar influenciado pelo seu autor.***

(Oscar Wilde – 1854-1900).

Como a leitura pode ajudar a curar a humanidade doente? Já cometi aqui alguns artigos sobre o ato de ler, um deles “Contra a leitura”, escrito com muita fúria, em 2008, depois de ter ouvido um pesquisador alemão dizer que a oralidade era como uma casa de palha e barro, que dura pouco, enquanto a escrita era perene,

como o castelo de pedra da cidade alemã de Bielefeld, construído no ano 1240, no alto de uma colina, que havíamos visitado no dia anterior.

Foi na “V Conferência Internacional sobre colonialismo, cultura e escrita”. No debate, dei um contra-exemplo. Nasci em Manaus, onde os portugueses construíram um

forte de pedra, em 1669, do qual atualmente “nem marcas restam no chão”, como cantou o poeta amazonense Ernesto Penafort. No entanto, as milenares malocas Tuyuka estão lá ainda hoje. Cada vez que a palha apodrece, erguem outra novinha, usando técnicas de construção transmitidas oral-

mente há séculos e ignoradas pelos analfabetos da oralidade.

AS QUASE-LEITURAS

Esse artigo indignado “Contra a Leitura” recorre a quatro autores. Um deles é o psicanalista Pierre Bayard, cuja obra “Como falar dos livros que não lemos?” não traz receitas para você “cagar goma”, arrotar cultura, se exibir “hum-sete-hum-mente” e querer ser o que “a folhinha não marca”. Trata-se de provocação bem-humorada na qual o autor define os diversos tipos de leitura, de quase-leitura e até de não leitura, todas válidas desde que ajudem a nos encontrar.

Essa diversidade reaparece em “Leituras”, da antropóloga francesa Michèle Petit, que foi lido e citado para reforçar a nossa indignação. Mas, depois disso, a autora publicou “A arte da leitura em tempos de crise”, que ainda não li, mas ousou comentar, seguindo as orientações irônicas, mas nem tanto, de Pierre Bayard, porque o título me atraiu pela atual crise mundial, que reverbera na nossa vida pessoal.

Impossível não pirar diante das imagens diárias da barbárie, cujas vísceras são expostas nos telejornais. Guerras insanas, genocídio na Faixa de Gaza, a Ucrânia invadida em chamas, assassinatos de indígenas dentro de suas aldeias, balas “perdidas” que atingem corpos de crianças e de jovens negros nas favelas do Rio, florestas incendiadas, rios contaminados, inundações, o planeta destruído. O que fazer? Onde buscar a humanidade perdida?

A impotência é desoladora. Confesso que desde meados de dezembro dei um chega-pra-lá nas redes sociais, busquei refúgio na literatura e passei a desfrutar a leitura que dá prazer, mas com certo sentimento de culpa. A sensação de estar fugindo da luta foi mitigada pela lembrança do conselho do cacique guerreiro Payaré à sua filha pequena Kátia Akrätikatêjê, hoje cacica do povo Gavião:

– Minha filha, se eles invadirem outra vez a aldeia e começarem a matar teus irmãos, foge. Foge, minha filha, foge, porque alguém tem de sobreviver para contar o que aconteceu. Denunciar o massacre faz parte da luta e da resistência. Não é covardia.

LEITOR RUMINANTE

Refugiar-se na leitura para resistir. Esse é o espírito da arte de ler em tempo de crise. Sua autora, antropóloga da leitura, em entrevista durante evento em Buenos Aires, destacou a leitura, inclusive da literatura oral, como atividade de resistência, de indagação, de memória, capaz de associar as dimensões individual e coletiva do ato de ler no campo da educação e da cidadania e de dar ao leitor o sentido da vida:

Em contexto de crise, a literatura nos dá outro lugar, outro tempo, outra língua, um fôlego. Ela abre um espaço que permite sonhar acordado e pensar sobre a continuidade de nossas experiências. Torna o pensamento mais ágil. Apazigua o caos interno e dá forma a ele. Acalma o estresse e a ansiedade.

Em outro texto sobre o sabor da leitura (05/02/2023), citamos um leitor infatigável, o ex-reitor da Uerj, Ivo Barbieri, professor de literatura brasileira. Dizíamos que quando ele fala de suas leituras, a gente começa a salivar, sentindo o sabor e até o aroma do texto literário. Quem assistiu a suas aulas no doutorado de Letras da Uerj sabe disso.

Ivo Barbieri, que completa 90 anos no próximo dia 3 de fevereiro, acaba de lançar mais um livro de sua autoria “Um leitor ruminante: ensaios Machadianos”, o que nos faz lembrar a crônica radiofônica “O teatro de marionetes em Berlim” dirigida às crianças, na qual Walter Benjamin apresenta uma lista de titiriteiros com mais de 90 anos de idade:

– É fato conhecido – diz W. Benjamin – que os grandes bonequeiros vivem apaixonadamente para seus bonecos, todo o resto

lhes é indiferente. É por isso que chegam até uma idade avançada.

Meu amigo titiriteiro Euclides Souza, que reside em Curitiba e com quem atuei no Teatro de Bonecos Dadá no exílio, é uma prova disso: completa 89 anos em outubro focado no seu acervo de 800 bonecos e na sua biblioteca especializada em teatro.

Ivo Barbieri não é titiriteiro, mas suspeito que sua longevidade com qualidade de vida se deve, em grande parte, à paixão pela leitura em pelo menos 83 anos de palavras encantadas, que cumprem a função dos bonecos de Benjamin.


Ao contrário de Oscar Wilde, vou ler “O leitor ruminante” com seus 12 ensaios sobre Machado de Assis, para me deixar influenciar pelo seu autor. Depois vos contarei o resultado.

REFERÊNCIAS:

- 1. Walter Benjamin:** *O teatro de marionetes em Berlim*. In A hora das crianças. Narrativas radiofônicas. Rio. Nau Editora. 2015.
- 2. Pierre Bayard:** *¿Comment parler des livres que l'on n'a pas lus?* Paris. Minuit. 2007
- 3. Michèle Petit:** *El arte de la lectura en tiempos de crisis*. Océano Express Editorial. Buenos Aires/Santiago de Chile. 2009.
- 4. Taquiprati:** *Contra a Leitura* (16/11/2008) <https://www.taquiprati.com.br/cronica/57-contr-a-leitura-version-en-esp>
- 5. Ivo Barbieri:** *O sabor da leitura* (05/02/2023) - <https://www.taquiprati.com.br/cronica/1678-ivo-barbieri-o-sabor-da-leitura>
- 6. Entre a Maloca e o Castelo: o Belão** (24/06/2007) <https://www.taquiprati.com.br/cronica/132-entre-a-maloca-e-o-castelo-o-belao>



José Bessa Freire – Escritor. Membro do Conselho Editorial da *Revista Xapuri*. Crônica publicada originalmente em seu blog www.taquiprati.com.br



BRASIL ELEGEU 231 PESSOAS LGBTQIAPN+ PARA OS LEGISLATIVOS MUNICIPAIS

Foto: divulgação

Conforme dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), 231 candidatos e candidatas que se identificaram como LGBTQIAPN+ se elegeram para as Câmaras Municipais do Brasil.

Esta é a primeira vez que informações sobre orientação sexual e identidade de gênero aparecem nas fichas de candidatura, marcando um avanço significativo na visibilidade política da comunidade.

Embora o número de eleitos represente um progresso, é importante notar que apenas cerca de 30% dos candidatos LGBTQIAPN+ optaram por divulgar essas informações publicamente.

Em um cenário onde a diversidade de representação é crucial, o Espírito Santo destaca-se com a eleição de Açucena (PT), a primeira mulher da Câmara de Cariacica que se declara lésbica. Este exemplo reflete a necessidade de inclusão, mas também evidencia a limitação

do espaço que pessoas LGBTQIAPN+ ainda ocupam na política.

O dado de que 904 candidaturas se identificaram como transgênero, com 53 eleitos/as, e que 2% do total de 147 mil candidatos/as informaram ser LGBTQIAPN+, reforça a urgência em ampliar essa representatividade.

Entretanto, muitos e muitas candidatos/as LGBTQIAPN+ não se incluíram na contagem oficial do TSE, mesmo tendo se declarado abertamente durante a campanha.

Exemplos notáveis são Amanda Paschoal (PSOL), quinta mais votada na Câmara Municipal de São Paulo, e Thammy Miranda (PSD), ambos com uma base significativa de apoio, mas que não declararam suas identidades ao TSE.

A decisão aponta para um potencial sub-registro da verdadeira representatividade LGBTQIAPN+ no Brasil, onde a transparência ainda enfrenta barreiras.

A coleta de dados pelo TSE, até então realizada apenas por organizações da sociedade civil, como a VoteLGBT+, é vista como um passo histórico. Para Gui Mohallem, diretor-executivo da VoteLGBT+, em entrevista à *Folha de São Paulo*, a iniciativa do TSE é um avanço, mas revela a necessidade de um processo de verificação e educação contínua sobre questões de identidade de gênero e orientação sexual.

Ele destaca que erros nos preenchimentos dos formulários podem ser comuns, o que sugere que a qualificação das informações ainda carece de atenção. Em 2024, a VoteLGBT+ registrou 225 pessoas LGBTQIAPN+ eleitas, com um aumento considerável em comparação às eleições anteriores, quando foram identificadas apenas 97 candidaturas.

Fonte: Mídia Ninja (https://midia-ninja.org/brasil-teve-231-candidaturas-lgbtqiapn-eleitas-para-o-legislativo-municipal/#google_vignette)



A BOTTIJA DA INGAZEIRA

Luiz Roseno, com revisão de José Gil Barbosa Terceiro

Há muito tempo, nos primórdios de Coivaras, vivia nas proximidades da localidade Ingazeira um casal. Uma noite, a mulher sonhou que havia ali um tesouro enterrado e, na manhã seguinte, foi até o lugar que visualizou em seus sonhos, à procura do tal tesouro.

Começou a cavar. Cavou muito, incansavelmente, e já começava a ver o tesouro, reluzindo ouro e joias de muito valor. Nesse momento, aparece um menino, do

nada, vindo Deus sabe de onde, pois pouco tempo antes era certo que não havia ninguém por ali.

A criança começa a arremessar pedras na mulher que, por apenas um instante, tira a vista do tesouro para olhar pra tal criança. Quando a mulher volta a olhar para o tesouro, este havia desaparecido. Curiosamente, a criança também sumiu misteriosamente.

No dia seguinte, quando a mulher e seu esposo voltam ao local, encon-

tram vários fragmentos parecidos com vidros esfaçalhados, como parabrisa de carro quebrado. Eles concluem que era o tesouro que se encantou e transformou-se em pedaços de vidro.

Fonte: Causos Assustadores do Piauí (<https://causosassustadoresdopiaui.wordpress.com/2023/08/20/a-botija-da-ingazeira/#more-16104>)



Foto: divulgação

HORTA GIRASSOL:

Projeto une práticas ambientais e desenvolvimento da pessoa na EC 410 Sul

O Projeto Horta Girassol, da Escola Classe 410 Sul de Brasília (EC 410 de Brasília), no Plano Piloto, é uma atividade pedagógica que une práticas ambientais ao desenvolvimento cidadão dos(as) estudantes. O projeto foi idealizado pela professora Amenayde Pereira Leite Prates, que atua na escola desde 2010, lecionando para o Ensino Fundamental, e ingressou na Secretaria de Estado da Educação (SEE-DF) em 2000. A primeira edição do projeto Horta Girassol foi realizado no segundo semestre de 2023 e, este ano, foi aperfeiçoado.

Professora de Atividades, Amenayde leciona para turma do 3º Ano do Ensino fundamental, com estudantes na faixa etária entre 8 e 9 anos. Ela conta que a ideia de elaborar o Horta Girassol surgiu após ela participar do projeto Parque Educador no Monumento Natural Dom Bosco. Na ocasião, ela aprendeu sobre a preservação ambiental, a importância das plantas e animais do Cerrado e os benefícios medicinais de diversas espécies brasileiras. Inspirada por essa experiência, Amenayde desenvolveu a ideia de integrar essas aprendizagens ao cotidiano dos(as) estudantes.

“No ano passado a minha turma do 2º Ano participou do Projeto Parque - Educador no Monumento Natural Dom Bosco, ocasião em que conhecemos a importância da preservação do meio ambiente, das plantas e dos animais do Cerrado e, principalmente, acerca da horta e das plantas medicinais. No fim desse projeto, prometi aos meus alunos que faríamos uma horta em nossa escola, uma vez que tínhamos três canteiros sem usos. E assim fizemos: no ano passado plantamos girassóis. Este ano, continuei com a turma, que, agora, está no 3º Ano, e colocamos em prática o que aprendemos. Além de estudar o conteúdo, podemos enriquecer o lanche da escola com coentro, tomate, alface, cenoura e algumas plantas para chás”, afirma a professora.



O PROJETO

Voltado para uma turma de 3º ano com crianças entre 8 e 9 anos, o projeto visa unir os conteúdos das disciplinas de ciências, geografia, português e artes com atividades práticas relacionadas ao cultivo de uma horta escolar. Os alunos são envolvidos em todas as etapas do processo, desde o preparo do solo até o manejo das plantas, aprendendo sobre germinação, controle de pragas e o ciclo de vida das plantas, além das mudanças no meio ambiente com as estações do ano.

O projeto proporciona aos(as) estudantes uma reflexão sobre o impacto das ações humanas no meio ambiente, promovendo a compreensão sobre a interação entre espaços urbanos e rurais e incentivando a valorização da preservação ambiental. Além disso, contribui para a melhoria das refeições escolares ao agregar valor à alimentação saudável.

A implantação do projeto é um sonho antigo da gestora Nathália Jacinto Santana, que busca integrá-lo ao Projeto Político Pedagógico da escola e expandi-lo para outras turmas, com o objetivo de incorporar a horta como parte da identidade escolar. A escola já possui canteiros na lateral da unidade, que, até então, não eram utilizados para práticas pedagógicas.

O Horta Girassol está alinhado com o Currículo em Movimento da Secretaria de Educação, que enfatiza o desenvolvimento da identidade e a alteridade das crianças, além do respeito e valorização da diversidade humana. O projeto reforça a importância do cuidado com o meio ambiente e com os outros, promovendo a autonomia, a autorregulação das emoções e a cooperação entre os alunos.

De acordo com o Currículo em Movimento, “o cuidado com os outros e com o meio ambiente, o pertencimento e a responsabilidade com as pessoas, os animais, a natureza e o planeta são aspectos fundamentais da educação, ressaltando a importância das interações com a natureza e a sociedade”. O Horta Girassol não só oferece uma rica experiência pedagógica, mas também fortalece os valores de respeito e preservação entre os alunos, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes e comprometidos com o futuro do nosso planeta.

Por Sinpro-DF



saiba mais





Foto: Priscila Ramos/ divulgação

MST ELEGE 133 LIDERANÇAS PARA AS PREFEITURAS E CÂMARAS MUNICIPAIS EM 19 ESTADOS BRASILEIROS

Em uma articulação inédita, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) conseguiu eleger 133 lideranças nas eleições de 2024, consolidando sua presença em todo o Brasil.

Das 600 candidaturas lançadas ou apoiadas pelo Movimento, o MST elegeu 110 vereadores e vereadoras, além de conquistar 23 prefeituras e vice-prefeituras, principalmente em cidades do interior, abrangendo 19 estados.

As lideranças eleitas estão comprometidas com causas centrais do Movimento, como a democratização do acesso à terra, o incentivo à produção de alimentos saudáveis e sustentáveis e o combate à fome. Também são prioridades educa-

ção, saúde, cultura, diversidade e preservação do meio ambiente.

Segundo a coordenação nacional do MST, a participação no pleito municipal teve resultados expressivos, não apenas pelo número de pessoas eleitas, mas também pelo fortalecimento do capital social e político do Movimento. O trabalho de base e o diálogo com a população foram fundamentais para o sucesso da articulação.

“As candidaturas do MST realizaram um trabalho excepcional em todas as regiões do país, levando a pauta da Reforma Agrária Popular tanto para o campo quanto para as cidades. O resultado eleitoral é reflexo dessa mobilização e uma importante vitória política,” declarou Luana Car-

valho, da direção nacional do MST. Ela destacou que o Movimento busca se consolidar como uma força política organizada, capaz de avançar em legislações em defesa dos direitos da classe trabalhadora.

Ao fim do primeiro turno das eleições de 2024, o MST conquistou 1 prefeitura, 3 vice-prefeituras e 40 cadeiras nas câmaras municipais. Além disso, aliados do movimento pela Reforma Agrária elegeram 19 prefeitos, 3 vice-prefeitos e 69 vereadores em diversas regiões do país. Confira a lista completa das candidaturas eleitas que são aliadas na luta pela Reforma Agrária em mst.org.br.

Fonte: Movimento Sem Terra



20 ANOS SEM APOENA

Hugo Meireles Heringer



“Eu prefiro morrer lutando ao lado dos índios em defesa de suas terras e seus direitos do que viver para amanhã vê-los reduzidos a mendigos em suas terras”. Com esta frase emblemática de engajamento extremo pela causa indígena, dita e repetida pelo sertanista Apoena Meireles durante toda sua vida, marcamos os 20 anos de seu assassinato.

No dia 9 de outubro de 2004, Apoena Meireles foi alvejado a tiros de revólver, que provocaram sua morte, quando saía de um caixa eletrônico do Banco do Brasil, em Porto Velho, Rondônia. Pelas condições do crime, o caso foi tratado à época como latrocínio, ou seja, roubo seguido de morte.

Porém, pelos padrões de execuções adotados contra defensores de direitos humanos na Amazônia, o caso do assassinato de Apoena se equipara a outros muitos casos tomados aparentemente como crimes comuns, mas que por trás das evidências esconde uma larga rede de mandantes. Os crimes são investigados normalmente como latrocínio, e a história costuma acabar por aí.

Por este motivo geral e por dois motivos específicos, o assassinato de Apoena, embora considerado como latrocínio, é visto como possível crime de encomenda, em função de duas razões:

Primeira, a desconfiança se ancora em elementos da própria história de Rondônia, cujos re-

gistros evidenciam eventos de pistolagem traduzidos em eternos casos sem solução.

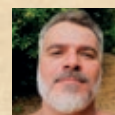
Segunda, em função de que Apoena era o coordenador da "Operação Roosevelt", implantada em setembro de 2004 pelo governo Lula como medida decorrente do conflito envolvendo 29 garimpeiros em Espigão do Oeste, cujo objetivo era reduzir as tensões no território Cinta-Larga, assegurando a integridade dos indígenas a partir da proibição de acesso nesse espaço rico em minérios, com destaque para as jazidas de diamantes, uma vez que Apoena detinha a confiança dos povos indígenas de Rondônia, muitos deles desde o primeiro contato.

Nascido na Terra Indígena Pimentel Barbosa, do povo Xavante, em Mato Grosso, seu nome foi uma homenagem prestada pelo seu pai ao cacique Xavante que eles conheceram na década de 1940, durante o primeiro contato com os Xavante.

Seu pai era o sertanista Francisco Furtado Soares de Meirelles, mais conhecido como Chico Meirelles, sua mãe era Abigail Lopes. Assim desenvolveu aquela que seria a vocação que o consagraria como um dos maiores indigenistas do país: ele aprendeu a ter paciência, a escutar e aprender com os indígenas e a sugerir soluções sobre assuntos relacionados ao tema indígena.

Servidor de carreira da Funai, autarquia que presidiu entre 1985 e 1986, Apoena morreu lutando pelo que defendia e acreditava.

SEMPRE VIVO, APOENA!



Hugo Meireles Heringer - Indigenista e assessor parlamentar



Fotos: Acervo Família Meireles

CÂNCER DE MAMA: PREVENIR, É PRECISO!

Bia de Lima

Todo mês de outubro, aqui estamos nós, cerrando fileiras com governos e entidades que promovem o “Outubro Rosa”, por meio de atividades e campanhas de conscientização sobre o câncer de mama para, assim, contribuir para a detecção precoce do câncer de mama, bem como a redução da incidência e da mortalidade pela doença.

No Brasil, o “Outubro Rosa”, movimento internacional criado no início da década de 1990, quando o símbolo da prevenção ao câncer de mama – o laço cor-de-rosa – foi lançado pela Fundação Susan G. Komen for the Cure e distribuído aos participantes da primeira Corrida pela Cura, realizada em Nova York (EUA) e, desde então, promovida todos os anos, serve para fortalecer as recomendações do Ministério da Saúde para prevenção, diagnóstico precoce e rastreamento da doença.

Essa ação é muito importante porque o câncer de mama é o tipo que mais acomete mulheres em todo o mundo. Segundo dados da OMS, cerca de 2,3 milhões de casos novos foram registrados no ano de 2020 em todo o mundo, o que representa cerca de 24,5% de todos os tipos de neoplasias diagnosticadas nas mulheres. No Brasil, uma em cada 100 mil mulheres enfrenta o câncer de mama a cada ano.

Segundo dados do Instituto Nacional do Câncer (INCA), o câncer de mama ocupa a primeira posição em mortes por câncer entre mulheres no Brasil, com taxa de mortalidade ajustada por idade, pela população mundial, para 2021, de 11,71/100 mil (18.139 óbitos). As maiores taxas de incidência e de mortalidade estão nas regiões Sul e Sudeste.

Também, segundo o INCA, a doença é causada pela multiplicação desordenada de células anormais da mama, formando um tumor com potencial de invadir outros órgãos. Há vários tipos



de câncer de mama – alguns com desenvolvimento rápido, enquanto outros crescem lentamente. A maioria dos casos, quando tratados adequadamente e em tempo oportuno, apresentam bom prognóstico.

Quanto aos sintomas, é importante que fiquemos atentas para os principais sinais do câncer de mama: caroço (nódulo), geralmente endurecido, fixo e indolor; pele da mama avermelhada ou parecida com casca de laranja; alterações no bico do peito e saída espontânea de líquido de um dos mamilos. Também, segundo especialistas, podem aparecer pequenos nódulos no pescoço ou na região das axilas.

O que podemos fazer para prevenir o câncer de mama? Cada uma de nós, mulheres, independentemente da idade, pode ficar atenta para ver

se há algo anormal com suas mamas. Olhar, palpar e sentir as mamas no dia a dia ajuda a reconhecer suas variações naturais e a identificar alterações suspeitas. A maior parte dos cânceres de mama é descoberta pelas próprias mulheres.

Manter o peso corporal adequado, praticar atividade física e evitar o consumo de bebidas alcoólicas ajudam a reduzir o risco de câncer de mama. A amamentação também é considerada um fator protetor.



Bia de Lima – Deputada Estadual – PT Goiás
Presidenta do SINTEGO



22 DE OUTUBRO: DIA DA MEDICINA NATURAL

Eduardo Galeano

Os indígenas Navajo curam cantando e pintando.

Essas artes medicinais, sagrado alento contra o desalento, acompanham o trabalho das ervas, da água e dos deuses.

Durante nove noites, noite após noite, o enfermo escuta o canto que espanta as sombras más que se meteram em seu corpo, enquanto os dedos do pintor pintam na areia flechas, sóis, luas, aves, arco-íris, raios, serpentes e tudo o que ajuda a curar.

Concluídas as cerimônias de cura, o paciente volta para casa, os cantos se desvanecem e a areia pintada voa.



Eduardo Galeano (1940 - 2015) - Escritor, em *Os Filhos dos Dias*, Editora L&PM, 2ª edição, 2012. Indígenas Navajo substituí "índios navajos", conforme a leitura e conjuntura atual da nomenclatura dos povos indígenas.



Pintura: Howard Terpning



BRASIL ELEGE SEIS PREFEITOS E UMA ÚNICA PREFEITA INDÍGENA

Dados do TSE registram que sete prefeituras brasileiras serão administradas por indígenas a partir de 2025. Também 214 vereadores e vereadoras de várias etnias conseguiram se eleger para as Câmaras Municipais.

Na Região Norte, se elegeram Egmar Curubinha (PT), da etnia Tariana, em São Gabriel da Cachoeira (AM); Dr. Raposo (PP), da etnia Makuxi, em Normandia (RR);

e Tuxaua Benísio (Rede), também da etnia Makuxi, em Uiramutã (RR).

As cidades mineiras de São João das Missões e Manga também elegeram prefeitos indígenas, ambos da etnia xacriabá. Na primeira, Jair Xakriabá (Republicanos) foi eleito, enquanto na segunda a vitória foi de Anastácio Guedes (PT).

Na Paraíba, em Marcação, foi eleita a única prefeita indígena, a candidata Ninha (PSD), da etnia

Potiguar. Já em Pesqueira, Pernambuco, venceu o Cacique Marcos (Republicanos), da etnia Xucuru.

Os dados do sistema do Tribunal Superior Eleitoral também mostram que, das 214 pessoas indígenas eleitas para as Câmaras Municipais, 180 são homens e apenas 34 são mulheres.

Fonte: Agência Brasil



A VIDA É DANÇA, E É UMA DANÇA CÓSMICA

————— Ailton Krenak

Mais do que pensar em um dilema entre cultura e natureza, a gente podia se inspirar na "dança da vida", que transcende a separação entre natureza e cultura.

Esse abismo cognitivo, isso que fica implantado como um chip no nosso cérebro, dizendo pra gente que o nosso corpo é separado de tudo, é uma antecipação de uma vida robótica.

Nós estamos sendo alertados sobre o risco da invasão do nosso modo de vida por uma inteligência artificial. Talvez a gente esteja sendo alertado de que o próximo vírus não vai ser uma pandemia.

De que o próximo vírus vai ser uma substituição do nosso modo sensorial por um modo artificial de vida.

E aí aqueles que gostam da neutralidade podem abraçar um robô. E a gente pode dizer a eles: *Bon Voyage!*

Abraçou um robô... *Bon Voyage!*



Ailton Krenak –
Escritor, Membro do
conselho editorial
da Revista Xapuri.



UM MUNDO QUE PERDEU O CORAÇÃO

Leonardo Boff

Acompanhando o atual curso do mundo, seja a nível internacional, seja a nível nacional, notamos um verdadeiro tsunami de ódio, de mentiras, de exclusões, de verdadeiros genocídios e extermínios em massa como na Faixa de Gaza, que nos deixa perplexos. Até onde pode chegar a maldade humana? Não há limites para o mal. Ele pode chegar até ao autoextermínio dos seres humanos.

Pensando em nosso país, as mortes, os assassinatos de jovens negros nas comunidades periféricas, as crianças vítimas de balas perdidas, seja da polícia (que mata), seja de facções criminosas, os diários feminicídios e as centenas de estupros de meninas

e de mulheres, o esquitejamento de sequestrados, deixam uma cidade inteira como o Rio de Janeiro continuamente sob medo e ameaças. Está perdendo todo o seu glamour.

Assim sucede em quase todas as grandes cidades de nosso país, tido por Sérgio Buarque de Holanda como "cordial" (*Raízes do Brasil*, 1936). Entretanto, a maioria dos intérpretes não leu o rodapé ao termo "cordial" onde ele observa: "a inimizade pode ser tão cordial como a amizade, nisso que uma e outra nascem do coração" (n.6).

Portanto, o brasileiro está mostrando, especialmente, sob o governo do Inelegível, a inimizade entre amigos e nas famílias, a banalidade do palav-

rão, dos maus costumes e da mentira: tudo sendo "cordial" por nascer de um coração "cordial" (perverso).

Em âmbito internacional o cenário se revela ainda mais atroz. Com o apoio irrestrito e cúmplice dos USA e vergonhoso da Comunidade Europeia, que traiu seu legado dos direitos do cidadão, da democracia e de outros valores civilizacionais, estão se perpetrando verdadeiros crimes de guerra contra 40 mil civis e inegáveis genocídios de cerca de 13.800 crianças inocentes na Faixa de Gaza, todos pelo governo de extrema direita de Benjamin Netanyahu.

Trata-se de uma retaliação totalmente desproporcional a um outro



crime, não menos horrendo, do grupo terrorista Hamas. Netanyahu permite tais genocídios porque não tem coração, não se coloca no lugar das mães e das vítimas inocentes. Não lhe importa se para matar um líder do Hezbollah tenha que, num bombardeio, vitimar dezenas de outras pessoas.

O ódio o tornou cruel e sem piedade. Crimes semelhantes estão ocorrendo na guerra que a Rússia move contra a Ucrânia com milhares de vítimas, com a destruição de uma antiga cultura-irmã e com incontáveis vítimas inocentes. Paremos por aqui nessa via-sacra de horrores que tem mais estações do que aquela do Filho de Deus carregando sua cruz.

A pergunta é como isso ocorre à luz do dia sem que haja uma autoridade reconhecida que pudesse parar esse extermínio? Qual a raiz subjacente a esta iniquidade? A história no passado conheceu extermínios, até feitos em nome de Deus, como no terrível livro dos Juizes da Bíblia judaico-cristã e em tantas guerras de outrora.

Mas nós as excedemos em crueldade em todos os níveis. Israel matou mais de 207 funcionários da ONU, bombardeou hospitais, escolas, universidades, mesquitas, e destruiu 80% de Gaza. Hoje corremos o sério risco de uma guerra total entre as potências militaristas em disputa pela hegemonia do mundo, o que realizaria o princípio de nossa autodestruição.

Sustendo a interpretação de que tudo isso se tornou possível porque perdemos o coração, o *esprit de finesse* (de Pascal) e a *dimensão da anima* (a sensibilidade, de C. G. Jung). A cultura moderna se construiu sobre a vontade de poder como dominação, usando a razão, desgarrada do coração e da consciência, traduzida em tecnociência para o nosso bem e mais para fins bélicos.

Como notava o Papa Francisco na *Laudato Si*: "o ser humano não foi educado para o reto uso do poder... porque não foi acompanhado quanto à responsabilidade, aos valores e à consciência" (n.105).

A razão estabeleceu seu despotismo na forma de racionalismo,

rebaixando outras formas de conhecer e de sentir a realidade. Assim o sentimento (*pathos*) foi recalçado no falso pressuposto de que atrapalharia a objetividade da análise.

Hoje é evidente que não há objetividade absoluta. O sujeito pesquisa com seus pressupostos e com seus interesses de forma que sujeito-objeto estão sempre imbricados.

O fato é que a dimensão do coração e da cordialidade foi reprimida. Abstraindo do cérebro reptiliano que é o mais antigo, o cérebro límbico constitui a nossa real base fundamental.

Ele surgiu com os paleomamíferos entre 150-200 milhões de anos atrás e nos mamíferos superiores há 40-50 milhões de anos com os quais temos o condomínio.

Somos mamíferos racionais, portanto, seres de sentimento. O cérebro límbico é a sede de nossas emoções, seja de ódio, de ira e outras negatividades, mas principalmente nele se alberga o mundo das excelências, do amor, da amizade, da empatia, dos valores, da ética e da espiritualidade.

O cérebro neocortical irrompeu com o ser humano há 7-8 milhões de anos e culminou há cerca de 100 mil anos com o surgimento do *homo sapiens* do qual somos herdeiros. É o mundo da razão, dos conceitos, da linguagem, na ordenação lógica das coisas.

Portanto, ele compareceu tardiamente. Mas com seu desenvolvimento, fundou o reino da razão. Mas importa não esquecer que se trata de um único cérebro que envolve estas três dimensões sempre relacionadas (na versão do cérebro triuno de MacLean: reptiliano, límbico, neocórtex).

A concentração excessiva na racionalidade com a qual dominamos o mundo, a mulher (patriarcado) e a natureza à custa do sentimento, causou os desacertos sócio-históricos, cujas consequências nefastas estamos colhendo.

É urgente unir o cérebro neocortical (razão/*logos*) com o límbico (coração/*phatos*), o coração enriquecendo os projetos racionais com humanidade e sensibilidade; inversamente investir razão, vale dizer, conferir direção e jus-

ta medida ao mundo dos sentimentos e do coração. Só assim encontraremos o equilíbrio necessário.

Porque afogamos o sentimento de mútua pertença, de que todos, sem exceção, somos humanos, nos transformamos em cruéis genocidas (face à nossa espécie) e ecocidas (face à natureza). Temos escravizado, submetido e discriminado nossos irmãos e irmãs.

Pelo fato de não termos resgatado a dimensão do coração, do *espírito de finura* (Pascal), da *sensibilidade essencial (anima)*, entrou em falência o humanismo ocidental, liberal-capitalista. A assim chamada "ordem baseada em regras" (que sempre mudam conforme as conveniências dos poderosos) se mostrou uma falácia.

Como advertiu uma alta funcionária de organismos da ONU, Chelsea Ngnoc Minh Nguyen: "A violência e a brutalidade dos últimos anos devem nos impulsionar a todos – seja no Sul ou no Norte, no Oriente ou no Ocidente – a realizar uma introspecção honesta e profunda sobre o tipo de mundo em que queremos viver" (IHU 4/10/24).

Não vejo uma alternativa além de devermos mudar de paradigma civilizacional (do *domus/senhor* para o *frater*/irmão e irmãs), se não fundarmos um novo humanismo, enraizado em nossa própria natureza.

Nela encontramos as constantes antropológicas, intrínsecas à nossa humanidade: o amor incondicional, o cuidado essencial, a cooperação, a empatia, a compaixão, o reconhecimento do outro como nosso semelhante, o respeito à natureza e à Terra que tudo nos dão, o encantamento face ao belo e bom e a reverência face ao Mistério.

Tais valores seriam o fundamento de um outro mundo possível e necessário. Caso contrário, vamos ao encontro do inimaginável.



Leonardo Boff – Leonardo Boff escreveu, junto Rose Marie Muraro, o livro *Feminino & Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*, última edição, 2024.

MULHERES ELEITAS EM 2024: CRESCE O PERCENTUAL, MAS A DESIGUALDADE PERSISTE

Zezé Weiss

“Eu acho uma pena”. Foi assim, de forma direta e curta, que a ministra Carmem Lúcia, presidenta do Tribunal Superior Eleitoral lamentou o fato de que nenhuma mulher tenha sido eleita para prefeita das capitais brasileiras no primeiro turno das eleições de 2024.

Há, ainda, alguma chance de se eleger mulheres para as prefeituras

das capitais do país, uma vez que em sete delas – Curitiba, Porto Alegre, Aracaju, Natal, Campo Grande, Palmas e Porto Velho – há mulheres na disputa do segundo turno, no dia 27 de outubro.

Apenas uma capital, Campo Grande, será, com certeza, administrada por uma prefeita, uma vez que duas mulheres, Adriane Lopes

(PP), que foi a primeira prefeita eleita em Campo Grande, e Rose Modesto (União) disputam a vaga.

Em Curitiba (PR), Cristina Graeml (PMB) está na disputa contra Eduardo Pimentel (PSD). Em Natal (RN), Natália Bonavides (PT) enfrenta Paulinho Freire (União). Em Porto Alegre (RS), o atual prefeito Sebastião Melo (MDB) concorre contra a deputada federal Maria do Rosário (PT).

Em Aracaju (SE), Emília Corrêa (PL) enfrenta Luiz Roberto (PDT). Em Palmas (TO), Janad Valcari (PL) tenta vencer Eduardo Siqueira Campos (Podemos). E em Porto Velho (RO) a disputa será entre Mariana Carvalho (União) e Léo Moraes (Podemos).

Das mulheres na disputa para as prefeituras das capitais, apenas duas são de esquerda e do PT: Natália Bonavides, de Natal, e Maria do Rosário, de Porto Alegre.

VEREADORAS

No cômputo geral, cerca de 17,91% das pessoas eleitas nas eleições municipais de 6 de outubro são mulheres. Das 69.346 lideranças eleitas no primeiro turno, 12.417 são mulheres. Foram eleitos 56.929 homens, ou seja, 82,09% do total, segundo dados do TSE.

Em 2020, de acordo com o TSE, 10.920 mulheres foram eleitas como vereadoras no primeiro turno, cerca de 16% do total. As 12.417 vereadoras eleitas em 2024 mostram, até o momento do fechamento desta edição (10/10), um crescimento percentual 1,91% (pode haver uma pequena variação para mais com os resultados do segundo turno).

Também houve uma pequena oscilação para mais na eleição de prefeitas. Em 2020, foram 656



Foto: Martília Campos



Foto: Marília Campos



prefeitas eleitas, perfazendo 12% do total. Em 2024, no primeiro turno, se elegeram 722 mulheres, elevando o percentual para 13%.

Um pequeno avanço, ante uma desigualdade que persiste.

A tabela que se segue, publicada pelo G1, resume o balanço da con-

quista feminina entre as eleições nos últimos 20 anos, de 2004 a 2024.

Total de vereadores e vereadoras eleitos/as por gênero

GÊNERO	2004	2008	2012	2016	2020	2024
FEMININO	6.548 (12,63 %)	6.489 (12,53 %)	7.652 (13,33 %)	7.810 (13,50 %)	9.371 (16,13 %)	10.634 (18,24 %)
MASCULINO	45.274 (87,35 %)	45.294 (87,47 %)	49.760 (86,66 %)	50.029 (86,49 %)	48.723 (83,87 %)	47.675 (81,76 %)
Não divulgável/ não informado	7 (0,01 %)	-	7 (0,01 %)	3 (0,01 %)		

Mesmo com o crescimento lento e gradual das mulheres na política, sobretudo nas câmaras municipais, os números continuam bem abaixo do que nós, mulheres, representamos entre as pessoas com direito ao voto em nosso país.

Segundo o TSE, em julho deste ano (2024), éramos 81,8 milhões de mulheres eleitoras no Brasil. Ou seja, 52,4% das pessoas que estavam aptas a votar em 6 de outubro eram mulheres. Os homens aptos a votar somavam 74 milhões, apenas 47,6% do eleitorado.

Em relação aos resultados alcançados, um destaque é para a cidade

de São Paulo que elegeu 20 mulheres, 7 a mais que em 2020. Assim, as mulheres conseguiram ocupar 36,3% das vagas da Câmara Municipal, composta por 55 parlamentares.

PREFEITA MAIS VOTADA

A prefeita que recebeu o maior número de votos em números absolutos em todo o Brasil é Marília Aparecida Santos (PT), psicóloga e bancária, eleita com 188.228 votos (60,68% do total) para administrar o município mineiro de Contagem.


Eleita para o seu quarto mandato como prefeita (2004, 2008, 2020 e

2024), Marília agradeceu a confiança do povo de Contagem em suas redes sociais: "Juntos, seguiremos construindo uma cidade cada vez mais justa, próspera e feliz, ampliando nossas conquistas e mantendo Contagem na rota do desenvolvimento".

Entre suas propostas, estão o implemento de aluguel social e moradia popular, o incentivo ao transporte a pé e por outros meios não poluentes e a criação de um programa de atendimento especial para animais.



Zezé Weiss -
Jornalista. Editora
da Revista Xapuri.



Na sala de aula, renova-se uma nação.

Todo dia, 2,5 milhões de professores da educação básica alimentam os sonhos de pequenos grandes brasileiros. São novos cidadãos que iniciam sua jornada guiados por profissionais do ensino.

DIGNIDADE E RESPEITO AO/A PROFESSOR/A

15 de outubro - DIA DO/A PROFESSOR/A



Uma homenagem

CNTE Confederação Nacional dos
Trabalhadores em Educação
www.cnte.org.br

Brasil

Filiada à
CUT BRASIL

Internacional
da Educação

CEA

CPLP-SE
CONFEDERAÇÃO LATINOAMERICANA
DE PROFESSORES DE ESCOLAS
SÉCULO XXI

FNPE
Fórum Nacional Popular de Educação



XAPURI

CAMPANHA ASSINATURA SOLIDÁRIA

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

VENI COM A GENTE!

**REVISTA
IMPRESSA**

ANUAL

R\$ **360**^{,00}
12 EDIÇÕES

BIANUAL

R\$ **600**^{,00}
24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ! WWW.XAPURI.INFO/ASSINE

